

ESCOLA DE FAMÍLIAS:

SABERES
ESCOLARES E
PRÁTICAS
FAMILIARES,
UMA RELAÇÃO
POSSÍVEL



Núcleo de Educação da Infância



FICHA TÉCNICA

Projeto de Extensão NEDI
Escola de Famílias

Organização:

Ana Paula Coelho Silva e Letícia Silva Ferreira

Coordenadora Geral

Ana Paula Coelho Silva

Coordenadora Adjunta

Letícia Silva Ferreira

Equipe organizadora

Adriana Pryscilla Duarte de Melo, Ana Paula Coelho Silva, Apolliane Xavier Moreira dos Santos, Danuza Roberta Pereira Lima, Elisangela Brum Cardoso Xavier, Elissa Luciane da Silva Inácio, Franciane Sousa Ladeira Aires, Kátia Batista Martins, Letícia Silva Ferreira e Olga Maria de Araujo Soares.

Designer, Divulgação e Transmissão

Franciane Sousa Ladeira Aires e Kátia Batista Martins

Transcrição dos encontros

Jainy Silva Terra, Lauane Graciele Silva Santiago e Maria Júlia Gomes

Editoração eletrônica

Kerolaine Eugenio Braz

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS

2022

1º EDIÇÃO

SUMÁRIO

Introdução	4
Apresentação.....	7
1-Família educa e escola ensina? Como assim?	12
2-O sim e o não, como a criança compreende as regras de convívio social?	20
3-Aprendizagem na Educação Infantil: o que realmente importa?.....	27
4- O uso consciente das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC): possibilidades de aprendizagem na infância	34
5-Tia ou professora? A docência na Educação Infantil	41
6- A recusa alimentar nos primeiros anos da infância e o papel da família e da escola na construção de hábitos alimentares saudáveis.....	47

7-Como e quando se aprende a ler e a escrever?.....	52
8-A diversidade faz parte do processo educativo promovido pela escola e pela família em contextos significativos?	58
9-Sobre ser menino, ser menina [...] na trama social: dilemas, desafios e proposituras na/da Educação Infantil.....	63
Referências	68

INTRODUÇÃO

A família é a primeira instituição de que a criança faz parte e por meio da qual recebe todos os cuidados e atenção necessários ao seu desenvolvimento social, motor, psicológico e afetivo, construindo significações para o seu mundo. Já a Educação Infantil, como 1ª etapa da Educação Básica, tem também como objetivo o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos complementando a ação da família e da comunidade (art.29, LDB/96). Desse modo, uma parceria entre a escola e a família, na construção de um caminho que favoreça a aprendizagem significativa da criança, especialmente, no que diz respeito à sua permanência na Educação Infantil, faz-se necessária.

Vale ressaltar que a escola e a família têm papéis diferentes na educação, nesse sentido, o diálogo é relevante, a fim de promover práticas que ajudem tanto a escola quanto a família a lidarem com as necessidades das crianças. Ainda, nessa perspectiva, uma relação de confiança entre a escola e a família, para que possam juntas construir um projeto educativo, que realmente promova o desenvolvimento das crianças, é de suma importância na consolidação de uma parceria realmente profícua.

A escola que compreende o papel importante que a família tem no desenvolvimento das crianças promove propostas de situações, em que a instituição educacional contribui, para a formação de pais/mães ou responsáveis e crianças. É nesse viés que se apresenta significativo pensarmos na responsabilidade de uma educação compartilhada e bem definida e nas contribuições que as instituições (família e escola) podem proporcionar às crianças.

Complementando essa reflexão, é relevante salientar que a Base Nacional Curricular Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil aborda o indispensável cuidar e educar como algo indissociável e a relação da família e escola:

Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. Nessa direção, e para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais (p.36-37).

Nesse cenário, o projeto de extensão, relatado nesta publicação, pautou-se na tentativa de possibilitar diálogos entre o Nedi e as famílias das crianças matriculadas na instituição, discutindo temas que são básicos ao desenvolvimento integral das crianças e que possam auxiliar família e escola a repensarem suas práticas de educação e construir coletivamente um projeto de educação respeitoso.

Nesse contexto, o projeto teve como objetivos proporcionar encontros mensais com as famílias das crianças matriculadas no Nedi, para a discussão de temas essenciais à Educação Infantil; criar estratégias para o fortalecimento das ações pedagógicas da instituição, considerando as especificidades das crianças da Educação Infantil e estimular a parceria entre família e escola, visando ao estreitamento da relação e à participação da família nos processos de formação de suas filhas (os).

Sendo assim, os nove encontros ocorridos, durante o ano de 2021, deram-se na perspectiva dialógica de construção de um projeto coletivo de educação, em que escola e família se formam, para se fortalecerem no cumprimento de seus papéis, visando ao desenvolvimento integral da criança. Ressaltamos que o projeto de extensão primou pela participação da família nos encontros, pelo fortalecimento da relação entre o Nedi e as famílias, pela produção de práticas pedagógicas reflexivas por parte da equipe gestora e de professoras e pela possibilidade de oportunizar às crianças uma educação de qualidade que se alicerça no diálogo entre as suas famílias e o Nedi.

Assim, o projeto possibilitou o encontro entre famílias e equipe de gestão e professoras do Nedi, para juntas estudarem e refletirem questões que visam à qualidade do trabalho educacional do Nedi, no fortalecimento da relação com as famílias.

APRESENTAÇÃO

Desde o início das atividades no Nedi, a partir do ano de 2018, observávamos que as famílias apresentavam questões que poderiam ser dialogadas com a escola, a fim de proporcionarmos uma educação integral às crianças matriculadas em nossa instituição. Nesse aspecto, amparamo-nos também nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil que propõe:

[...] o trabalho com as famílias requer que as equipes de educadores as compreendam como parceiras, reconhecendo-as como criadoras de diferentes ambientes e papéis para seus membros, que estão em constante processo de modificação de seus saberes, fazeres e valores em relação a uma série de pontos, dentre eles o cuidado e a educação dos filhos (BRASIL, 2009, p.13).

Os principais aspectos observados nas falas e angústias familiares versavam sobre a aprendizagem da leitura e da escrita na Educação Infantil, sobre como as crianças aprendem as regras de convívio social, quais as funções da família e da escola, no processo educacional das crianças, como deve ser feito o uso das tecnologias pelas crianças, quais seriam as aprendizagens necessárias às crianças da Educação Infantil, por que ocorre a recusa alimentar nos primeiros anos de vida, como trabalhar as questões de gênero na infância, como fazer com que a diversidade faça parte do processo educacional e como ocorre a docência na Educação Infantil.

Por meio de uma relação dialógica e horizontal, como preconiza Paulo Freire (1983), pensamos em momentos para uma reflexão conjunta, a fim de aprimorar nossas práticas educacionais, gerando também possibilidades para que as famílias pudessem conhecer a ação pedagógica da escola e sua importância no processo educacional de suas filhas e filhos.

Como as atividades se iniciaram, em um contexto de pandemia, cujo distanciamento social se fazia necessário, organizamos nove encontros

virtuais, divulgados nas redes sociais do Nedi, realizados mensalmente, mediados por uma professora do Nedi e conduzidos por profissionais que discutem e pesquisam os temas elencados.

A temática discutida, no primeiro encontro, realizado no dia 24 de março de 2021, foi: “Família educa e escola ensina. Como assim”? e, para ministrar as reflexões, o convite foi feito à professora doutora Telma Vinha do departamento de Psicologia Educacional da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, especialista em clima escolar, relações interpessoais e desenvolvimento moral, sendo, ainda, integrante do Laboratório de Psicologia Genética da Unicamp e coordenadora associada do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Moral da Unesp/Unicamp.

A professora convidada abordou as relações entre famílias e escolas, dando ênfase aos papéis de cada instituição, no que diz respeito à educação integral das crianças, ressaltando também a importância da escuta e do diálogo entre essas fundamentais instâncias educacionais. Por meio de sua fala, constatou-se que existem meios, para uma efetiva parceria entre escolas e famílias e espaço para o diálogo, para a escuta e para a promoção de um olhar sensível e atento às demandas familiares e àquelas oriundas da instituição escolar.

O segundo encontro do projeto ocorreu, no dia 27 de abril de 2021, com o tema “O sim e o não, como a criança compreende as regras de convívio social”? A palestra foi ministrada pela artista plástica e psicóloga lavrense Marcília de Oliveira Resende.

Ao discutir o tema, Marcília considerou que as regras de convívio social se amparam no respeito ao outro, salientou a importância da família e das suas ações como referência para a criança, destacando duas possibilidades, para a condução da aprendizagem infantil: por meio de uma conduta de autoridade na vida da criança, que lhe transmite confiança e a ajuda a lidar consigo e com os outros, ou por meio de autoritarismo que leva à ansiedade, ao medo, à revolta.

No dia 27 de maio de 2021, foi realizado o 3º encontro do projeto com o tema “Aprendizagem na Educação Infantil: o que realmente importa”?, apresentado pela palestrante Bethania de Assis Costa Goulart da Universidade Federal de Viçosa (UFV), e a mediação foi feita pela professora do Nedi, Olga Maria de Araújo Soares. A professora Bethania

destacou aspectos importantes amparados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), tais como concepções sobre a criança enquanto sujeito de direitos, produtora de cultura, ativa e capaz em seu processo de desenvolvimento. Mencionou o papel do adulto, no processo de aprendizagem infantil, considerando que essa última não é composta pela transmissão ou pela reprodução dos conteúdos, mas, sim, por meio da interação e da ação ativa da criança.

O quarto encontro foi realizado, no dia 24 de junho de 2021, trazendo como tema "O uso consciente das tecnologias da informação (TIC): possibilidades de aprendizagem na infância", discutido pela psicóloga e professora Adriana Mastela, da Universidade São Camilo no Espírito Santo. A professora Adriana mostrou os aspectos positivos e negativos do uso das tecnologias e a discrepância entre os grupos sociais quanto às oportunidades de acesso às chamadas TICs, que podem, inclusive, ser utilizadas no ambiente escolar, desde que haja uma intencionalidade pedagógica. Adriana, também, destacou que as tecnologias auxiliam no desenvolvimento das crianças, pois podem estimular uma aprendizagem mais significativa, lúdica, que desperta a curiosidade e a busca por novos conhecimentos.

No dia 14 de julho de 2021, foi realizado o quinto encontro virtual do projeto, intitulado "Tia ou Professora? A docência na Educação Infantil", apresentado pelas professoras Franciane Sousa Ladeira Aires e Apolliane Xavier Moreira dos Santos. Durante a apresentação, foram pontuados diversos aspectos sobre ser docente na Educação Infantil, ressaltando a importância do reconhecimento da identidade profissional do professor, além das observações de como o magistério é, na verdade, uma profissão que exige uma sólida formação pedagógica.

O 6º encontro do projeto, ocorrido em 24 de agosto de 2021, teve como tema "A recusa alimentar nos primeiros anos da infância". O evento foi mediado pela professora Ana Paula Coelho Silva, coordenadora do núcleo e teve como palestrante a nutricionista Melissa Guimarães, professora do Departamento de Nutrição da UFLA. Melissa tratou desde o valor do leite materno, que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é o alimento mais completo até os seis meses da criança até a introdução alimentar, demonstrando que a criança reflete o hábito alimentar de sua família. A palestrante ressaltou que, quando a criança

começa a experimentar novos alimentos, é comum que haja certa estranheza. Assim, destacou a valiosa criação de um hábito que estabeleça um sentimento de segurança para que a criança consiga se alimentar adequadamente. Problematizou, ainda, os males que envolvem uma alimentação inadequada, como o sedentarismo, associado ao uso excessivo de tecnologias, o que pode causar também aumento de peso, visto que, quando comemos com a atenção desviada, perdemos o controle da saciedade.

No dia 21 de setembro de 2021, o tema abordado foi “Como e quando se aprende a ler e a escrever”, apresentado pela professora Ilsa do Carmo Vieira Goulart, do Departamento de Educação da UFLA. A professora Ilsa iniciou a sua fala trazendo alguns questionamentos frequentes, em relação à leitura e à escrita dos pequenos, como: “por que a criança não aprende a ler e escrever”? “Como fazer a criança aprender a ler e escrever”? “Posso ensinar letras e sílabas a partir de qual idade”? Para tentar responder a essas e a outras questões, Ilsa, doutora em Educação e pesquisadora das linguagens, leitura e escrita, fez um percurso histórico do ato de ensinar a ler e a escrever - desde quando se acreditava que saber ler e escrever estava relacionado com a memorização e reprodução, até os novos olhares que trazem o termo letramento como algo muito mais amplo. Entre outros aspectos, a professora enfatizou que “a escrita é um sistema de representação”, no qual é necessário compreender como o som da letra muda dentro da palavra. Além do mais, pontuou que se trata de um processo complexo que precisa ter um sentido e ser mediado pelos educadores que possuem uma intencionalidade no processo; inclusive, deve-se considerar as vivências das crianças, anteriores à escrita e leitura, que apresentam sentido e significado e vão sendo construídas socialmente, como os gestos, que podem ser interpretados pela criança antes de ela saber ler e escrever. Enfatizou também a possibilidade de ensinar a ler e escrever na Educação Infantil, sendo esse um espaço de expressão das múltiplas linguagens, de aprender a conviver e interagir por meio da linguagem, utilizando-a como meio para resolver conflitos e se expressar. Ademais, é um espaço para práticas de letramento em que a criança pode ter contato com a leitura e escrita e entender para que elas servem.

Os dois últimos encontros do projeto ocorreram nos dias 26 de

outubro e 24 de novembro de 2021 com os temas: “A diversidade faz parte do processo educativo promovido pela escola e pela família em contextos significativos”²⁰ e “Sobre ser menino, ser menina [...] na trama social: dilemas, desafios e proposituras na/da Educação Infantil”, contando, respectivamente, com os palestrantes Edmilson dos Santos Ferreira (UFRJ) e Fábio Pinto Gonçalves dos Reis (UFLA).

No evento de outubro, o professor Edmilson ressaltou a importância de profissionais da educação e também de familiares comprometidos com práticas educacionais antirracistas, para a formação das crianças, levando os participantes do evento a refletirem sobre a necessidade da existência de artefatos culturais que apresentem temáticas africanas e afro-brasileiras entre os pequenos, reforçando, ainda, sobre a necessidade da promoção de rodas de conversa e de eventos envolvendo esses aspectos.

Em novembro, o professor Fábio do Departamento de Educação Física da UFLA, promoveu entre os participantes do evento diferentes reflexões sobre o que é ser menino e ser menina na Educação Infantil, tendo como pano de fundo, para suas considerações, marcadores sociais como raça, sexualidade, geração, gênero, etnia e classe social. Segundo o professor palestrante, precisamos desconstruir pensamentos interditores que limitam a liberdade de aprendizagem das crianças, salientando a importância do ato de escutá-las mais, auxiliando-as na construção de uma educação inclusiva e empática.

1º TEMA:

FAMÍLIA EDUCA E ESCOLA ENSINA? COMO ASSIM?



Palestrante:

Professora
Telma Vinha



Mediadora:

Letícia Silva Ferreira

Transmitido em
24 de março de 2021 - 19h



Núcleo de Educação da Infância



https://www.youtube.com/watch?v=plx_pbKXKEY

1º RELATO

Família educa e escola ensina? Como assim?

No dia 24 de março de 2021, com a participação de toda a comunidade escolar do Nedi, foi realizado o primeiro encontro virtual do projeto de extensão “Escola de Famílias: saberes escolares, práticas familiares, uma relação possível”, mediado pela professora Letícia Silva Ferreira do NEDI, tendo como palestrante Telma Vinha, pedagoga, doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP e professora do Departamento de Psicologia Educacional desta mesma instituição. Realiza pesquisas na área do clima escolar, relações interpessoais e desenvolvimento moral, sendo membro do Laboratório de Psicologia Genética da UNICAMP e coordenadora associada do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Moral da Unesp/Unicamp. Coordena e desenvolve cursos de formação e projetos em escolas que visam à melhoria da qualidade da convivência e à construção da autonomia moral. É também autora e criadora de artigos e livros, entre eles, “Quando a escola é democrática: um olhar sobre a prática de regras e assembleias na escola”. “Indisciplinas, conflitos e bullying na escola” e “Da escola para a vida em sociedade: o valor da convivência democrática”.

A mediação do evento foi realizada por Letícia Silva Ferreira, professora e assessora pedagógica do NEDI/UFLA. Graduada em Pedagogia pela UFSJ, pós-graduada em Educação Ambiental pela UFLA e Mestre em Desenvolvimento Sustentável e Extensão pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Infâncias e Educação Infantil (NEPI), o Grupo de Estudos e Pesquisas Mulheres e Raça (MURA) e também o Núcleo de Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita (NELLE). Possui experiência como docente na Educação Infantil, séries Iniciais do Ensino Fundamental e Educação a distância. Pesquisa temas relacionados a Gênero, Raça, Sustentabilidade, Acesso e Permanência de mulheres negras em níveis superiores de ensino e Sociologia da Infância.

O evento teve início com a fala da mediadora, apresentando o projeto de extensão que originou o encontro, afirmando que o objetivo maior da proposta era fazer com que a relação família e escola se fortalecesse, contribuindo assim para a formação integral das crianças. Em seguida, passou a palavra à professora Telma Vinha que iniciou suas considerações, afirmando que alguns educadores não estão preparados para lidar com os conflitos que aparecem no seu dia a dia. Isso se dá, segundo a palestrante, pelo fato de que ainda são poucas as Instituições que contemplam temáticas, como convivência escolar, conflitos interpessoais e desenvolvimento socioemocional na formação inicial do futuro professor e mesmo na formação continuada o que faz com que se sintam inseguros diante dessas situações. O conflito, muitas vezes, é visto como algo antinatural, mas a palestrante apresentou diversas pesquisas que mostram que são necessários ao desenvolvimento sociomoral e emocional, podendo contribuir para aprender a necessidade dos valores presentes nas relações.

Mostrou que, entre as estratégias, geralmente utilizadas pela escola de contenção ou evitamento do conflito, uma delas é a “terceirização do conflito”, que é quando se transfere o processo de resolução do conflito para a gestão escolar ou para os responsáveis pelas crianças, o que também evidencia as dificuldades que os professores encontram para lidar com essas situações.

A fim de exemplificar o que fora anteriormente abordado, a palestrante apresentou uma pesquisa, evidenciando duas questões: 1) Quais os conteúdos e a estrutura dos bilhetes que a escola envia para os pais ou responsáveis pelos estudantes? 2) Que tipo de consequência a comunicação estabelecida pelas escolas pode ocasionar para os alunos e suas famílias? A pesquisa foi realizada, em escolas públicas e privadas, em três séries (2º, 6º e 9º anos) e foram recolhidos diversos bilhetes, notificações eletrônicas, no portal da escola (internet) e registros de ocorrência escolar, totalizando 895 documentos.

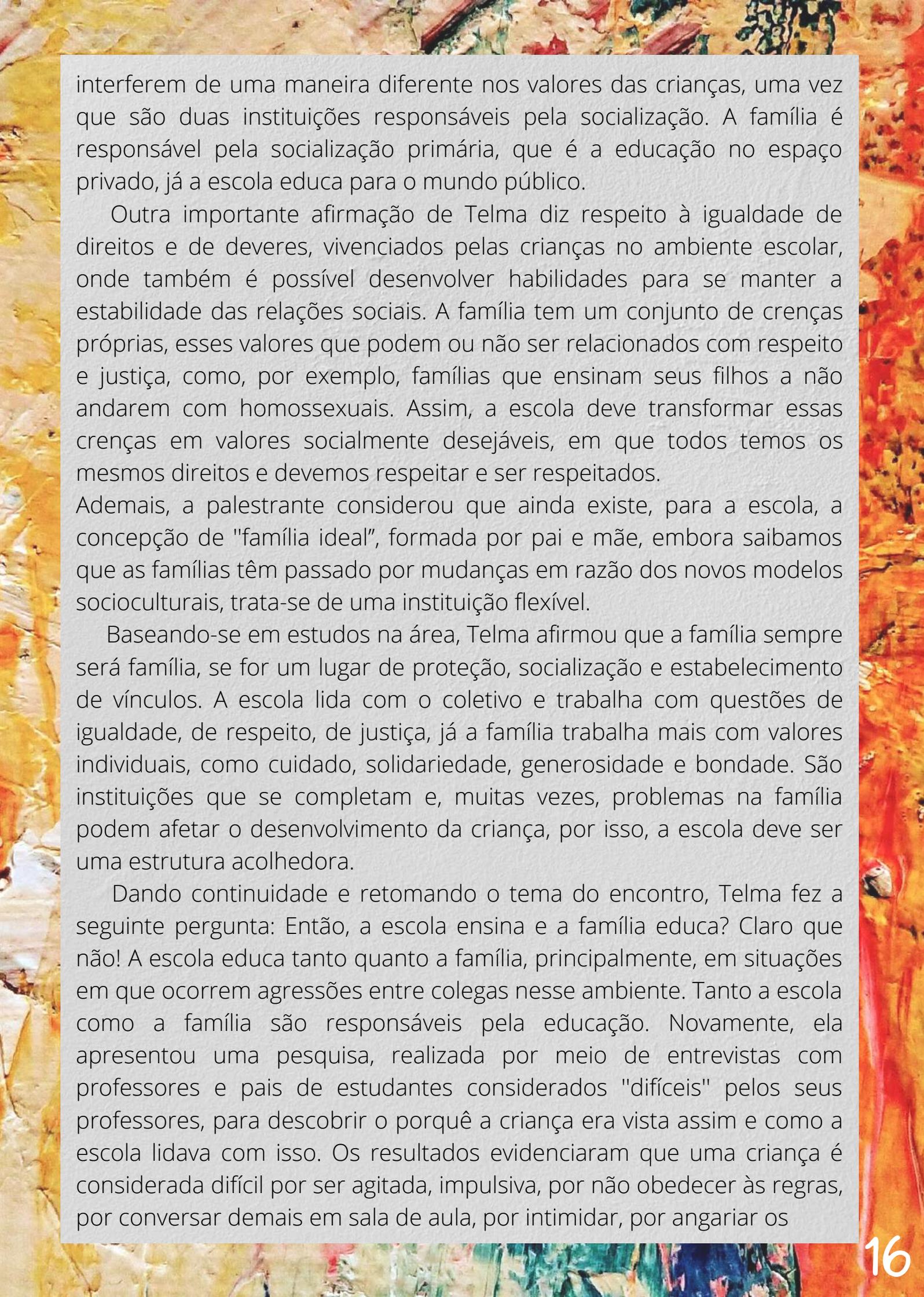
Além da coleta desses materiais, foram realizadas entrevistas com professores, pais e alunos que recebiam muitos bilhetes. Os documentos foram classificados em três categorias: aprendizagem, conflitos e regras institucionais/convencionais. A maioria dos bilhetes apresentaram um teor negativo, pedindo aos pais providências, sem dizer o que a escola

estava fazendo para lidar com esse problema. Segundo análise do material de pesquisa, os pais se orientam, principalmente, por atitudes como a retirada de algo que as crianças gostam, conversas e censuras, castigos físicos, ameaças, chantagens e recompensas.

Ficou evidente que os professores esperam que os pais resolvam os problemas e que pensam que as famílias não fazem nada para ajudar, gerando um certo desânimo entre o corpo docente. Já os estudantes afirmaram que tentaram mudar suas atitudes, em função do medo das punições, sem reconhecer a necessidade da mudança em seus comportamentos. Segundo a palestrante, a criança nem sempre consegue obedecer, porque não tem consciência das consequências de suas atitudes e do que poderia mudar em seu comportamento. Nesse contexto, a escola tem dificuldades em rever seus procedimentos e relações, responsabilizando, principalmente, o aluno e pais pelas dificuldades, utilizando os bilhetes como “pedido de ajuda”, punição e mecanismos de controle, o que acaba influenciando as relações familiares.

Logo depois, a professora apresentou uma pesquisa da Fundação Carlos Chagas intitulada “Avaliando valores em escolares e professores: construção de uma escala”, que teve como objetivo avaliar a adesão aos valores de justiça, respeito, solidariedade e convivência democrática em ambientes escolares. A pesquisa identificou que tais valores não são muito desenvolvidos, sobretudo de justiça e convivência democrática, mostrando o pouco que são experienciados no cotidiano da família e da vida escolar. Alertou ainda para o fato de que as vivências na escola influenciaram mais que as que ocorrem em família. Segundo Telma, os estudantes que apresentaram maior adesão foram aqueles que presenciaram poucas vezes colegas se agredindo ou gritando, que se sentiam bem tratados pelos professores, que tinham professores e funcionários que não gritavam, que frequentavam instituições que procuravam resolver os conflitos na própria escola, entre outros. Outros fatores, tais como religião, configuração familiar, nível socioeconômico e reprovação não apresentaram relação significativa com essa adesão.

A palestrante afirmou que ocorre maior desenvolvimento nos valores, quando os alunos veem que os pais os apoiam e auxiliam em seus problemas. Nesse sentido, ressaltou que tanto a escola como a família



interferem de uma maneira diferente nos valores das crianças, uma vez que são duas instituições responsáveis pela socialização. A família é responsável pela socialização primária, que é a educação no espaço privado, já a escola educa para o mundo público.

Outra importante afirmação de Telma diz respeito à igualdade de direitos e de deveres, vivenciados pelas crianças no ambiente escolar, onde também é possível desenvolver habilidades para se manter a estabilidade das relações sociais. A família tem um conjunto de crenças próprias, esses valores que podem ou não ser relacionados com respeito e justiça, como, por exemplo, famílias que ensinam seus filhos a não andarem com homossexuais. Assim, a escola deve transformar essas crenças em valores socialmente desejáveis, em que todos temos os mesmos direitos e devemos respeitar e ser respeitados.

Ademais, a palestrante considerou que ainda existe, para a escola, a concepção de "família ideal", formada por pai e mãe, embora saibamos que as famílias têm passado por mudanças em razão dos novos modelos socioculturais, trata-se de uma instituição flexível.

Baseando-se em estudos na área, Telma afirmou que a família sempre será família, se for um lugar de proteção, socialização e estabelecimento de vínculos. A escola lida com o coletivo e trabalha com questões de igualdade, de respeito, de justiça, já a família trabalha mais com valores individuais, como cuidado, solidariedade, generosidade e bondade. São instituições que se completam e, muitas vezes, problemas na família podem afetar o desenvolvimento da criança, por isso, a escola deve ser uma estrutura acolhedora.

Dando continuidade e retomando o tema do encontro, Telma fez a seguinte pergunta: Então, a escola ensina e a família educa? Claro que não! A escola educa tanto quanto a família, principalmente, em situações em que ocorrem agressões entre colegas nesse ambiente. Tanto a escola como a família são responsáveis pela educação. Novamente, ela apresentou uma pesquisa, realizada por meio de entrevistas com professores e pais de estudantes considerados "difíceis" pelos seus professores, para descobrir o porquê a criança era vista assim e como a escola lidava com isso. Os resultados evidenciaram que uma criança é considerada difícil por ser agitada, impulsiva, por não obedecer às regras, por conversar demais em sala de aula, por intimidar, por angariar os

colegas, entre outros.

Outro fato apresentado é que a “dificuldade” atribuída a este aluno está diretamente relacionada com a do professor, ao lidar com esse estudante e não com a dificuldade que ele tem com a escola. A família é apontada como principal responsável pelo “comportamento difícil” das crianças, e todos os docentes enviavam comunicação para as famílias relacionadas ao comportamento dos filhos na escola. Todos os pais entrevistados responderam que tomavam atitudes punitivas ou conversavam com o filho quando recebiam as informações da escola. Não havia um trabalho em conjunto da escola com a família. Além disso, para a maior parte dos professores e maioria dos pais, essas intervenções paternas foram consideradas insatisfatórias, pois as mudanças eram temporárias. Essa constatação pelos pais era acompanhada de frustrações por não saberem mais o quê fazer. Telma considera que é equivocada a crença de que a família não valoriza a escola e de que os docentes não podem contar com seu apoio. Alguns estudos, que analisam a perspectiva de pais, apontam que eles valorizam, sim, a instituição escolar.

A palestrante reforçou, ainda, que, independente da família desempenhar ou não o seu papel, a escola precisa educar seus alunos para a vivência em uma sociedade democrática contemporânea. A escola não deve esperar alunos e famílias ideais e, sim, reais. O desafio é resolver o que acontece dentro do espaço de sua responsabilidade, tanto no que se refere ao comportamento quanto à aprendizagem.

Encerrando a exposição do tema abordado, a palestrante elogiou a forma como o Núcleo de Educação da Infância estabelece essa parceria entre escola e família, devolvendo a palavra à mediadora Letícia, que propiciou então espaço para perguntas entre os participantes do evento, quais sejam:

1) Como podemos ressignificar a educação recebida por nós para que possamos educar nossos filhos?

Atualmente, a segurança em educar não é a mesma. É importante favorecer as trocas com outras famílias e, também, avaliar o que vale a pena “brigar” e diminuir as perspectivas, a alta exigência. Lembrem-se de que são crianças, as batalhas devem ser bem escolhidas, os caminhos de diálogos mostram que somos seres humanos frágeis, que nos humanizamos no processo.

2) É certo pensar que as pessoas velhas tinham maior desenvolvimento moral, no sentido de acatar e aceitar as proposições da escola, por exemplo? Que, em sua opinião, mudou de uns anos para cá?

Acatar aquilo que a escola traz, não necessariamente indica maior desenvolvimento moral, porque a escola pode ser injusta às vezes. O problema não está em se equivocar, mas numa escola que não reconhece seus erros quando a família os apresenta. Uma escola com um bom desenvolvimento coletivo vai rever suas atitudes, diante da questão que foi trazida, se pertinente. Muitas coisas mudaram de uns anos para cá, na sociedade atual, precisamos formar mais pessoas para a autonomia que para a obediência, sendo um dos objetivos da escola. Na sociedade complexa e no mundo de hoje, temos percebido que ocorreram inúmeras mudanças, como a diluição do lugar de autoridade e maior horizontalidade nas relações. As crianças e jovens passaram a opinar desde cedo, em redes sociais e em conversas, sendo preciso investir na construção de relações de respeito mútuo, não de obediência à crítica.

3) As crianças estão construindo seus valores e aprendendo a lidar com várias questões do dia a dia. Percebe-se, a partir da sua fala, que os conflitos são extremamente necessários para a construção dos valores e das regras. A participação das crianças, na construção de regras, é fundamental para que elas tenham autonomia para resolver seus problemas. Poderia falar mais sobre essa questão da participação ativa das crianças na resolução dos problemas em casa e na escola?

Isso depende muito da idade da criança, porque, em média, dos três anos de idade, elas não têm estratégias, para a resolução de conflitos; quando estão com raiva elas batem; quando querem algo elas pegam, entre outros, então, o que ganha primeiro é a impulsividade, elas ainda não desenvolveram a autorregulação. Muitas vezes, o papel da escola e da família é pensar o que elas precisam aprender com esse conflito, que é um longo processo de desenvolvimento. Deve-se ajudar a criança a sair daquela situação que a incomoda, contribuir para que resolva de outra forma e a refletir sobre a forma como agiu. O olhar para o conflito, a fim de descobrir quais são as pistas, em que mostra a necessidade de aprendizagem da criança, é fundamental para planejar aos poucos as intervenções.

4) Telma, como oportunizar uma educação dialógica entre família e escola, visto que, hoje em dia, os pais possuem pouco tempo por causa de suas responsabilidades do dia a dia? Quais alternativas você enxerga?

Uma primeira possibilidade é participar dos próprios espaços institucionais, como os conselhos. Outra também é a internet, que faz com que tenham acesso, por exemplo, às reuniões que podem ser online, gravadas, vistas em outros momentos. Há plataformas colaborativas que podem ser usadas pela comunidade educativa. Além disso, é válido ter equipe especializada, em mediações de conflitos na escola, cuja família pode recorrer quando acontecerem problemas. Outro ponto é fazer com que ocorram grupos de discussões, famílias e escola, em que podem ser debatidos casos ocorridos e formas de lidar com tais situações.

Ao fim da palestra, a professora Telma Vinha agradeceu o encontro e a parceria que o NEDI proporcionou. Logo depois, a mediadora Letícia agradeceu novamente a presença da professora, das famílias e de toda a equipe do Núcleo de Educação da Infância que colaboraram para a realização do evento.

2º TEMA:

O SIM E O NÃO, COMO A
CRIANÇA COMPREENDE AS
REGRAS DE CONVÍVIO
SOCIAL?



Palestrante:
Psicóloga
Marcilia de Oliveira
Rezende



Mediadora:
Letícia Silva Ferreira

Transmitido em
27 de abril de 2021 - 19h



<https://www.youtube.com/watch?v=QzBxsXrecpo>

2º RELATO

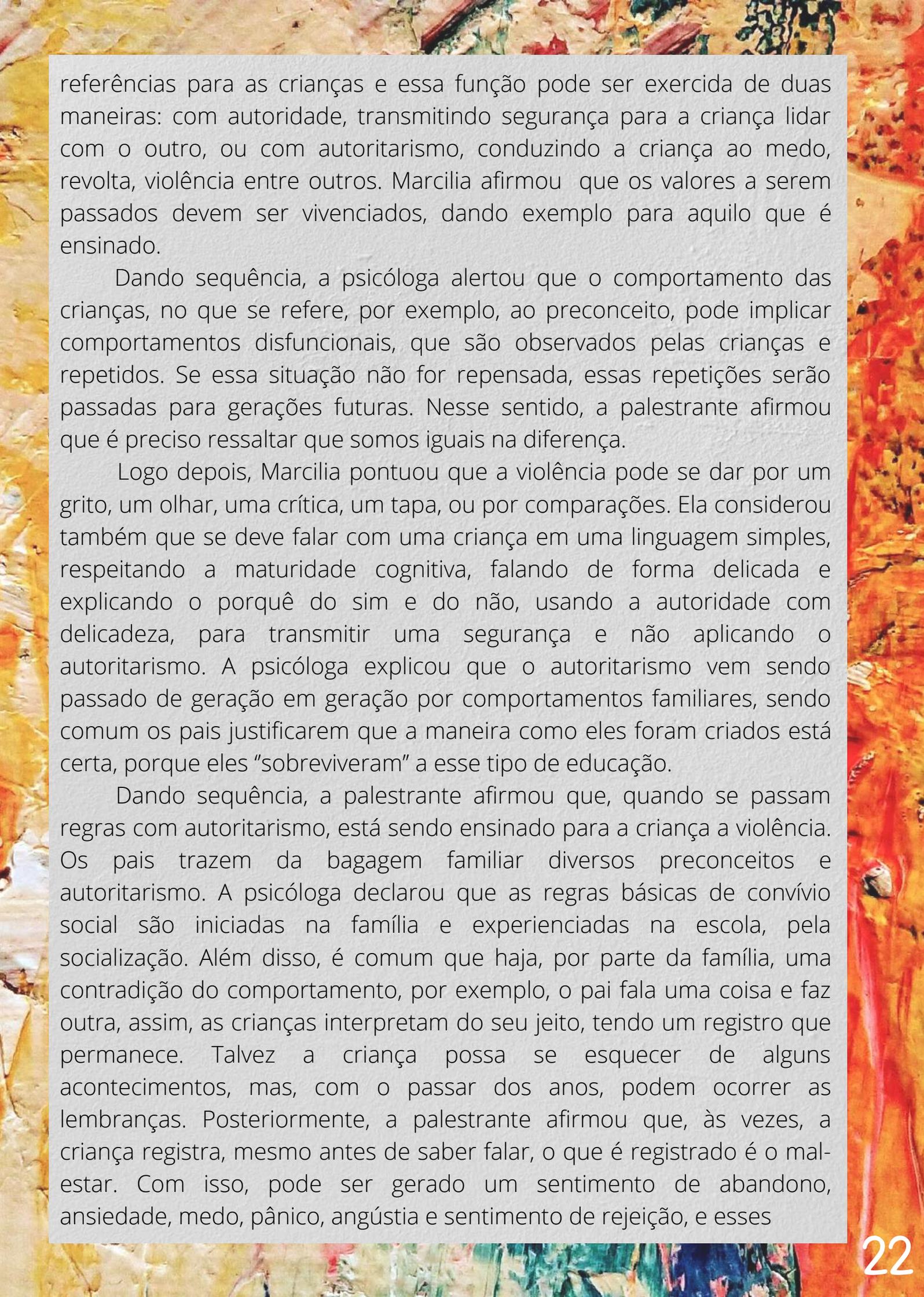
O sim e o não, como a criança compreende as regras de convívio social?

No dia 27 de abril de 2021, foi realizado o segundo encontro virtual do projeto de extensão “Escola de Famílias: saberes escolares e práticas familiares, uma relação possível”, mediado pela professora Letícia e tendo como palestrante a psicóloga Marcilia de Oliveira Rezende. O momento foi de discussão do tema O sim e o não, como a criança compreende as regras de convívio social? contou com a participação da comunidade escolar do Nedi, bolsistas, estudantes e famílias.

A palestrante Marcilia Rezende é graduada em Letras e já atuou como docente na Educação Básica de Lavras-MG, é também bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário de Lavras - UNILAVRAS, além de artista plástica autodidata. Trabalha como psicóloga clínica, atuando em uma linha humanista que acredita no desenvolvimento humano por meio da educação, que implica respeito ao diferente, ética e valorização da vida.

A mediação do evento foi realizada por Letícia Silva Ferreira, professora e assessora pedagógica do NEDI/UFLA. É graduada em Pedagogia pela UFSJ. Pós-graduada em Educação Ambiental pela UFLA e Mestre em Desenvolvimento Sustentável e Extensão pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Infâncias e Educação Infantil (NEPI), o Grupo de Estudos e Pesquisas Mulheres e Raça (MURA) e também o Núcleo de Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita (NELLE). Possui experiência como docente na Educação Infantil, Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Educação a distância. Pesquisa temas relacionados a Gênero, Raça, Sustentabilidade, Acesso e Permanência de mulheres negras em níveis superiores de ensino e Sociologia da Infância.

Após as orientações necessárias à realização do evento, a mediadora Letícia passou a palavra à palestrante Marcilia que iniciou sua fala afirmando que a base do convívio social é o respeito, que os pais são



referências para as crianças e essa função pode ser exercida de duas maneiras: com autoridade, transmitindo segurança para a criança lidar com o outro, ou com autoritarismo, conduzindo a criança ao medo, revolta, violência entre outros. Marcilia afirmou que os valores a serem passados devem ser vivenciados, dando exemplo para aquilo que é ensinado.

Dando sequência, a psicóloga alertou que o comportamento das crianças, no que se refere, por exemplo, ao preconceito, pode implicar comportamentos disfuncionais, que são observados pelas crianças e repetidos. Se essa situação não for repensada, essas repetições serão passadas para gerações futuras. Nesse sentido, a palestrante afirmou que é preciso ressaltar que somos iguais na diferença.

Logo depois, Marcilia pontuou que a violência pode se dar por um grito, um olhar, uma crítica, um tapa, ou por comparações. Ela considerou também que se deve falar com uma criança em uma linguagem simples, respeitando a maturidade cognitiva, falando de forma delicada e explicando o porquê do sim e do não, usando a autoridade com delicadeza, para transmitir uma segurança e não aplicando o autoritarismo. A psicóloga explicou que o autoritarismo vem sendo passado de geração em geração por comportamentos familiares, sendo comum os pais justificarem que a maneira como eles foram criados está certa, porque eles “sobreviveram” a esse tipo de educação.

Dando sequência, a palestrante afirmou que, quando se passam regras com autoritarismo, está sendo ensinado para a criança a violência. Os pais trazem da bagagem familiar diversos preconceitos e autoritarismo. A psicóloga declarou que as regras básicas de convívio social são iniciadas na família e experienciadas na escola, pela socialização. Além disso, é comum que haja, por parte da família, uma contradição do comportamento, por exemplo, o pai fala uma coisa e faz outra, assim, as crianças interpretam do seu jeito, tendo um registro que permanece. Talvez a criança possa se esquecer de alguns acontecimentos, mas, com o passar dos anos, podem ocorrer as lembranças. Posteriormente, a palestrante afirmou que, às vezes, a criança registra, mesmo antes de saber falar, o que é registrado é o mal-estar. Com isso, pode ser gerado um sentimento de abandono, ansiedade, medo, pânico, angústia e sentimento de rejeição, e esses

sentimentos ficam guardados até que algo parecido ocorra, para despertar essas sensações. Devemos tratar com carinho, crianças são frágeis, ensinar com amor, fazendo com que criem leis que vão durar para sempre.

Dando sequência, mostrou que os registros interferem no comportamento das crianças, de como elas interpretam as regras. Um exemplo de quanto o pai diz que não pode ser agressivo, mas pratica a agressão no trânsito, a criança raciocina que, para o pai, a regra não é válida. A psicóloga assegurou que os exemplos são mais fortes que as palavras, sendo assim, deve-se fazer aquilo que é dito para as crianças.

Nesse ponto do evento, Marcilia deixou uma pergunta: E se nada for ensinado para a criança? Se ela fizer sempre o que quiser? Em resposta, a palestrante concluiu: Ela não precisa respeitar nada e nem ninguém! A criança vai achar que o mundo gira ao redor dela, não vai aprender a ouvir um "não", fazendo um conflito com a escola que exige regras a serem respeitadas. Nesse caso, entram os limites, porque as crianças sem eles não vão absorver as regras. Um exemplo citado é quando a criança vive no meio do alcoolismo, ela vai relacionar aquilo como algo bom, como um exemplo.

A palestrante relatou que a falta de censura implica desrespeito ao outro, aos seus pertences, ao seu espaço e ao seu corpo. Ressaltou, mais uma vez, que a base, para o convívio social, é o respeito ao outro, e essa falta de respeito gera os preconceitos. Esses preconceitos estão presentes na cultura que é repassada por padrões de comportamento, de geração em geração e, se isso não for trabalhado, seguirá se perpetuando.

Marcilia assegura que, como psicóloga, acredita que daqui a uns anos não haverá mais preconceitos. As pessoas devem se considerar diferentes, porém com os mesmos direitos. Além disso, ela discorre também sobre a supervalorização da estética, que a pessoa já é discriminada por estar fora dos padrões.

Finalizando, a palestrante afirmou que crianças sem limites serão adolescentes, adultos e idosos sem limites. Os ambientes, em que as crianças vivem, influenciam no seu comportamento e pensamento. Marcilia concluiu sustentando a ideia de que devemos cuidar de nossas crianças, pois elas são o futuro.

Dando início ao momento das perguntas, a professora Letícia retomou a fala e direcionou as perguntas feitas à palestrante enquanto falava com a comunidade do Nedi:

1. Como adultos, diante de uma possível violência vivida na infância, é possível mudar a postura com os nossos filhos, sermos mais brandos mesmo estando mais velhos?

Claro, são comportamentos revistos e repensados.

2. Pode ser que uma grande tristeza vivida nunca seja acionada? Depende, tristeza é um estado, o que foi traumático é outro. A tristeza vivencia-se um tempo e depois sai dela, já o evento traumático ele marca a pessoa e precisa ser trabalhado.

3. Como encontrar equilíbrio entre dar limites sem ser autoritário? O autoritarismo é dominador, que possui agressões e o domínio de "eu mando e você faz o que eu quero". Já a autoridade é aquela segurança que a criança sente diante dos pais, como pessoas que a conduzem com firmeza, autoridade e delicadeza.

4. Você acredita que depressão e ansiedade passam de pai para filho?

Ansiedade como doença biológica não, porque a ansiedade é uma consequência dos sentimentos de uma que pessoa vivencia o futuro, sofre por antecipação, sendo assim, é do psiquismo, da maneira como a pessoa encara a vida e isso também pode ser trabalhado em clínica. Deve-se levar a vida de modo mais devagar, desacelerar, de uma maneira mais leve, não ser tão perfeccionista, não esperar muito de si e das situações.

5. Que pode acontecer com a criança que chega à escola e encontra um ambiente totalmente diferente no que diz respeito às regras de convívio social?

Vai fazer a diferença, nesse caso, é a perspicácia e o carinho da professora, do jeitinho especial de ensinar aos poucos. Além disso, as crianças também vão aprender umas com as outras, por meio da socialização. A criança que ainda não aprendeu vai achar na escola um

ambiente nada familiar, mas com a repetição, com os ensinamentos e autoridade da professora sobre a criança, não autoritarismo, autoridade no sentido de ensinar e conquistar. As regras se iniciam em casa e são reforçadas na escola, assim, interagindo com os colegas percebe-se mais o desenvolvimento da criança, por meio da experiência. Quando a criança não se socializa de jeito nenhum, nesse caso, ela precisa de ajuda.

6. Como a família pode impor limites com autoridade quando a criança não escuta?

A punição, só em último caso, quando ocorre um desrespeito imediato, quando a criança desobedece a uma regra imediata. A criança pode tentar manipular os pais, mas depois ela aprende que o não é não, depende da atuação da família no momento em que a situação acontece.

7. Quando a negociação vem da mãe, pode?

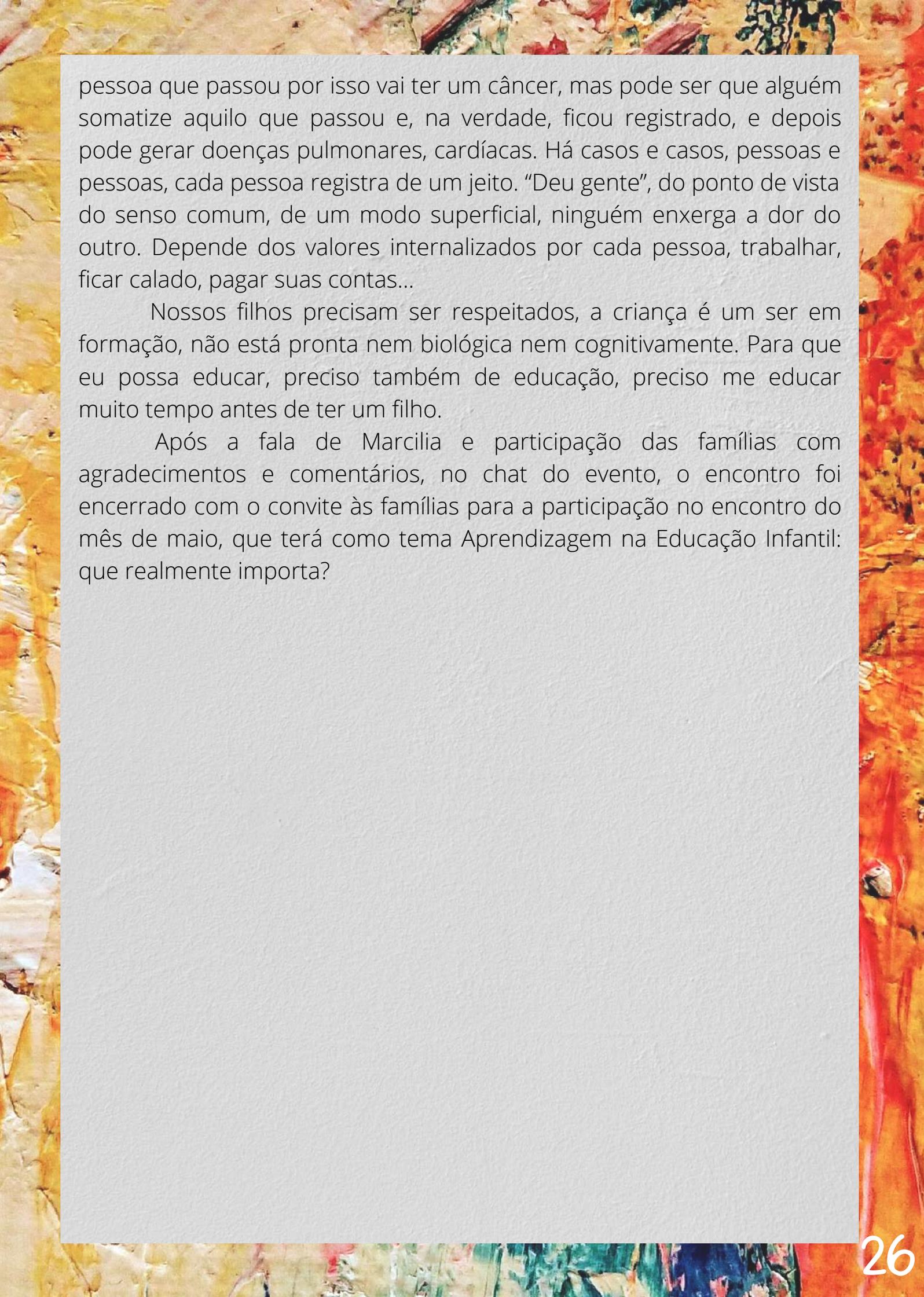
Pode, na psicologia comportamental funciona assim, principalmente dentro da educação de recompensa e punição, mas precisa ter cuidado com as punições e recompensas.

8. Como você enxerga a questão do castigo, ele é necessário, ao seu ver?

Castigo é uma palavra antiga. A criança precisa saber que, quando ela faz alguma coisa que não é legal e, muitas vezes, ela sabe que não é, que ela vai perder algo, mas, quando ela faz uma coisa muito boa, ela pode ter recompensa. Isso funciona principalmente na educação, quando a professora usa, por exemplo, incentivos para elogiar algo bem feito por parte da criança. Mas as comparações devem ser evitadas, pois são destrutivas, disfuncionais.

9. É certo dizer que houve uma geração que apanhou, que sofreu violência e deu gente?

Depende de como eu enxergo esse "deu gente". Se ficou uma pessoa calada, não fala, não reclama, nunca faltou ao trabalho, nunca falou mal de ninguém, essa pessoa é vista como alguém que faz tudo certo e muito calada... de repente, essa pessoa tem uma doença, um câncer, por exemplo. . Nós estamos falando em hipóteses, não quer dizer que toda



peessoa que passou por isso vai ter um câncer, mas pode ser que alguém somatize aquilo que passou e, na verdade, ficou registrado, e depois pode gerar doenças pulmonares, cardíacas. Há casos e casos, pessoas e pessoas, cada pessoa registra de um jeito. “Deu gente”, do ponto de vista do senso comum, de um modo superficial, ninguém enxerga a dor do outro. Depende dos valores internalizados por cada pessoa, trabalhar, ficar calado, pagar suas contas...

Nossos filhos precisam ser respeitados, a criança é um ser em formação, não está pronta nem biológica nem cognitivamente. Para que eu possa educar, preciso também de educação, preciso me educar muito tempo antes de ter um filho.

Após a fala de Marcilia e participação das famílias com agradecimentos e comentários, no chat do evento, o encontro foi encerrado com o convite às famílias para a participação no encontro do mês de maio, que terá como tema Aprendizagem na Educação Infantil: que realmente importa?

3º TEMA:

APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE REALMENTE IMPORTA?



Palestrante:

Bethania de Assis
Costa Goulart



Mediadora:

Olga Maria de Araújo
Soares

Transmitido em
27 de maio de 2021 - 19h



Núcleo de Educação da Infância



<https://www.youtube.com/watch?v=pqHyEiB8PN8>

3º RELATO

Aprendizagem na Educação Infantil: o que realmente importa?

No dia 27 de maio de 2021, por meio do canal do Nedi no YouTube, foi realizado o 3º encontro virtual do projeto de extensão Escola de Famílias: saberes escolares e práticas familiares, uma relação possível com o tema Aprendizagem na Educação Infantil: o que realmente importa? Foi apresentado pela palestrante Bethania de Assis Costa Goulart e mediado pela professora do NEDI, Olga Maria de Araújo Soares. O evento contou com a participação de famílias, professoras, estudantes e bolsistas.

A professora palestrante, Bethania Goulart, é licenciada em Educação Infantil pela Universidade Federal de Viçosa - UFV e possui mestrado em Economia Doméstica pela mesma instituição. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Infantil, Lúdico e Desenvolvimento e Aprendizagem da criança. Já atuou como docente do Ensino Superior, como coordenadora pedagógica de uma instituição de Educação Infantil e atualmente é Técnica em Assuntos Educacionais, dando apoio ao curso de Educação Infantil da UFV. Integra o grupo de pesquisa Contextos da Infância, Adolescência e Juventude e sua inter-relação na Família e na Sociedade - CIAJIFS/UFV.

A professora mediadora, Olga Soares, é licenciada em Educação Infantil pela UFV, possui especialização em Gênero e Diversidade na Escola pela UFLA e é também mestre em Economia Doméstica pela UFV. Integra o Núcleo de Estudos, Pesquisas, e Extensão em Infâncias e Educação Infantil - NEPI/UFLA e o grupo Contextos da Infância, Adolescência e Juventude e sua inter-relação na Família e na Sociedade - CIAJIFS/UFV. Possui experiência como docente na Educação Infantil e interessa-se por temáticas relacionadas aos Contextos da Infância, ao Protagonismo da Criança, à escuta sensível na Educação Infantil, à Inclusão Escolar e ao Gênero e Diversidade na Escola.

Após a apresentação da palestrante e da dinâmica do evento, a

professora Olga passou a palavra à professora Bethania que deu início à sua palestra, afirmando que é importante pensarmos sobre a imagem que temos em relação às crianças. Ela considerou que as representações que construímos, ao longo da vida sobre os pequenos, podem interferir na imagem que a sociedade tem sobre eles. Nesse aspecto, a visão que possuímos sobre as crianças vai influenciar nosso relacionamento com elas e na forma como concebemos a aprendizagem. Essa imagem pode ser construída por dois caminhos: o que vemos na criança e o que ela pode fazer, aquilo que ela é, aquilo que ela tem; ou também aquilo que falta, do que não pode, do que não é.

Bethania considerou que a criança deve ser concebida como produtora de cultura, que faz parte da sociedade, que precisa ser respeitada como ser ativo, competente e crítico, sendo assim, também desafiadora, que produz mudança e movimento dinâmico nos sistemas em que está envolvida. Além do mais, ela é capaz de associar e desassociar realidades, nesse caso, a criança constrói os próprios símbolos e códigos enquanto aprende a decodificar os símbolos e códigos estabelecidos. A criança também é capaz de desenvolver habilidades, para atribuir significados aos acontecimentos, sendo assim, é ativa e crítica.

Sobre a aprendizagem na Educação Infantil, a palestrante afirmou que acontece, por meio da relação da criança com o outro, de uma maneira individual e também por meio da interação com o meio, tendo um papel ativo no processo de aprendizagem e desenvolvimento. As crianças, em contato com esse mundo, vão criar hipóteses, construir as razões, os porquês, os significados das coisas e, nesse processo, a afetividade tem total importância, pois está relacionada à motivação. Ainda, segundo Bethania, muitas vezes, ficamos preocupados com a formalização de conteúdos e conhecimentos e ignoramos o pensamento da criança. O papel do adulto, nesse caso, é permitir que a criança aprenda, criando situações de aprendizagem, para melhorar o seu raciocínio, não apagando, desse modo, sua curiosidade, permitindo também o erro por meio do qual a aprendizagem é maior.

Outro aspecto aludido por Bethania diz respeito à Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), que traz seis direitos de

aprendizagem à Educação Infantil: conviver, expressar, explorar, conhecer-se, participar e brincar. Sobre esses direitos, a professora os relacionou ao que diz Malaguzzi, ao afirmar que “Reconhecemos que a espécie humana tem o privilégio de se expressar, por meio de uma pluralidade de linguagens, além da falada”. Nesse caso, a palestrante definiu que a linguagem é uma das maneiras que o ser humano tem de interagir com o mundo e que precisamos considerar que as crianças usam diversos tipos de linguagem para entender as complexas relações que existem no mundo.

A palestrante afirmou que nossa sociedade possui diferentes linguagens simbólicas e que, dessa forma, as crianças precisam ter a oportunidade de acesso a essas linguagens e utilizá-las. Toda criança deve aprender a narrar aquilo que ela está vivenciando ou o que pode ser vivenciado nessa convivência coletiva.

Nesse momento do evento, ressaltou, ainda, os eixos norteadores propostos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2009) que orientam as práticas pedagógicas que integram a proposta curricular da Educação Infantil, quais sejam, as interações e a brincadeira, de modo a assegurar, assim, as “cem linguagens” das crianças. Bethania asseverou que as crianças pequenas solicitam dos educadores uma pedagogia sustentada nas relações, nas interações, nas práticas educativas voltadas para os seus processos de aprendizagem nesse espaço coletivo. Devemos pensar quem é essa criança, como ela aprende e como podemos auxiliá-la no processo de aprendizagem. Além disso, devemos ver que diferentes linguagens serão responsáveis pelas brincadeiras, que ela é a base para o entendimento e a convivência.

Dando continuidade, Bethania ressaltou a importância do brincar, destacando que ele faz parte da cultura da infância, estabelece vínculos e relaciona o mundo ao redor da criança, contribui para o desenvolvimento integral, além de ser uma situação privilegiada de aprendizagens. Observou, também, que, por meio das brincadeiras, a criança satisfaz desejos, necessidades e interesses, realiza descobertas, torna-se criativa, aprende a se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade.

Ademais, Bethania demonstrou que defender o brincar na escola

não significa negligenciar a responsabilidade sobre a aprendizagem e o desenvolvimento, não é abandonar a criança à sua própria vontade. O professor precisa ter intencionalidade, nesse caso, planejar os espaços e materiais do brincar, que é o ponto de partida: a criança e sua inteireza. Ao brincar, a criança tem intenção nas suas ações, as quais não devem ser negadas em detrimento das intenções dos adultos. Além do mais, é preciso manter as características lúdicas do brincar, porque não se contrapõem ao aprender e, sim, fazem com que o aprender seja algo prazeroso.

Ao falar do currículo na Educação Infantil, a palestrante o considerou como o conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. Esse currículo deve ter relação com a vida cotidiana da criança, além disso, não deve pensar em uma criança compartimentada e nem em conhecimentos compartimentados. É importante lembrar que o cotidiano de nossas práticas tende a separar o corpo das outras dimensões. É mais uma vez a violência simbólica de construções sociais que esquecem a criança, o brincar, o prazer, a emoção, a parceria, a socialização e a recriação.

Bethania afirmou que estamos presos à ideia de que a criança precisa aprender conteúdos e de que ela não precisa construir sentidos. Assim, é possível apagarmos esse momento da criança de construir os sentidos por um desejo do adulto, podendo ocorrer uma subordinação da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, supervalorizando a visão do que a criança vai ser e não do que ela é hoje.

Ainda, relacionado a esse aspecto, citando a BNCC, Bethania afirmou que as experiências educativas na infância devem promover o conhecimento de si e do mundo, por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais, que possibilitem a movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos das crianças. Além do mais, devem possibilitar às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos. Incentivar a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças, em relação

ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza. Ademais, promover a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais.

Caminhando para suas considerações finais, a palestrante relatou que a criança nasce em uma sociedade e é na interação com o outro que ela constrói o sentido das linguagens, sentidos ligados ao ato de brincar, criar, linguajar. Devemos também pensar que não se dá para falar em linguagem sem relacioná-la à escuta, que é estar aberto aos outros, ter sensibilidade, ouvir com todos os sentidos, criar uma profunda abertura e uma forte predisposição à mudança. Assim, a escola deve ser contexto de múltiplo escutar.

Para finalizar, Bethania trouxe algumas reflexões, destacando que o caráter conteudista do ensino brasileiro contaminou a Educação Infantil, em que se prepara para um futuro, retirando da criança a oportunidade de brincar, de vivenciar sua infância. Assim, a palestrante encerrou sua fala, abrindo espaço para as perguntas que foram direcionadas pela mediadora do evento:

1. Como você acha que nós, enquanto família, podemos nos desprender dessa visão da criança para o mundo do trabalho e para uma profissão?

Devemos entender quem é essa “nossa” criança, compreender como ela conhece o mundo e entender que ela é uma cidadã, que terá uma longa vida pela frente para vivenciar diversas experiências. Escutar as crianças e ter um olhar mais atento a elas é fundamental, ver suas reais necessidades no presente e entender que nessa idade (0 a 5 anos) ela está aprendendo. Não é preciso antecipar nada, ela vai viver tudo no tempo certo.

2. Bethania, você sempre teve essa visão de que a criança precisa primeiramente brincar. Caso negativo, o que você acha que a ajudou a mudar de visão?

A minha formação, como educadora infantil, proporcionou-me ter esse olhar e, também, lembrar-me da infância, o quanto que foi bom brincar. Além disso, a leitura e a continuação da formação me fizeram criar essa visão.

3. Qual seu conselho para quem pensa em promover ensino da leitura e da escrita de maneira sistematizada na Educação Infantil? Será que é o momento ideal? Estão privando o processo da criança de descobrir o mundo, é muito mais rico para a criança, algo prazeroso, vivências em experiências com a linguagem oral e escrita de uma forma que faz sentido a ela, para que ela possa entender o uso social da linguagem escrita, por exemplo.

4. Nesse tempo de pandemia, como privilegiar a brincadeira? Escrever junto com a criança, mandar um recado para alguém da família, desenhar. É importante envolver as crianças na rotina de casa, não somente durante a pandemia, para ouvir o que elas falam, o que elas estão sentindo agora, como estão lidando com a questão de não ir para a escola. Além disso, as crianças têm sofrido muitas privações, são diversos sentimentos com que elas têm de lidar. O brincar ajuda a criança a considerar seus sentimentos nesse período de pandemia, assim, deve-se reservar um tempo para brincar com ela, tendo, desta maneira, momentos afetivos.

5. Existe uma idade adequada para a criança começar na Educação Infantil? A idade obrigatória é de quatro anos, mas as famílias precisam deixar na creche para garantir o sustento. Além disso, é um direito da criança, e a faixa etária da Educação Infantil é de 0 a 5 anos de idade.

6. Como lidar com a pressão da sociedade sobre a alfabetização precoce, visto que nossos filhos vão para as escolas conteudistas e podem ser vistos como despreparados, comparados a outras crianças? A criança está aprendendo e, quanto mais experiências de mundo ela tiver nessa fase da Educação Infantil, maior suporte terá para as próximas experiências. A princípio, ela pode ser vista como despreparada, mas é melhor ela vivenciar essas experiências, para lhe dar sentido a fim de que compreenda todos os processos que vêm depois que simplesmente reproduzir algo que ela não vai entender.

Após essas perguntas, houve o encerramento do evento com os agradecimentos à palestrante Bethania e à mediadora Professora Olga.

4º TEMA:

O USO CONSCIENTE DAS
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO
E COMUNICAÇÃO (TIC):
POSSIBILIDADES DE
APRENDIZAGEM NA INFÂNCIA



Palestrante:

Adriana Mastela



Mediadora:

Elisangela Brum

Transmitido em
24 de junho de 2021 - 19h



<https://www.youtube.com/watch?v=qLpV2ti83RE>

4º RELATO

O uso consciente das tecnologias da informação (TIC): possibilidades de aprendizagem na infância

No dia 24 de junho de 2021, foi realizado o 4º encontro virtual do projeto de extensão Escola de Famílias: saberes escolares e práticas familiares, uma relação possível, transmitido pelo canal do Núcleo de Educação da Infância (Nedi) no YouTube, com o tema O uso consciente das tecnologias da informação (TIC): possibilidades de aprendizagem na infância, apresentado e mediado pela professora Elisangela Brum e que teve como convidada a psicóloga e professora Adriana Mastela.

Adriana Mastela possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Atua no Ensino Superior desde 2001, sendo atualmente coordenadora e docente no curso de Psicologia do Centro Universitário São Camilo - ES. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Infância, Adolescência e Exclusão Social, Atendimento Psicossocial, Psicologia Socioinstitucional, Psicologia da Educação, Psicologia da Aprendizagem e Terapia Sistêmica da Família. Também atua como orientadora em programas de monitoria, estágio e iniciação científica, além de ser responsável técnica pelo Setor de Psicologia do CEPROSS, no Centro Universitário São Camilo - ES.

Elisangela Brum Cardoso Xavier possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário São Camilo - ES, Pós-graduação Lato Sensu em Psicopedagogia pela FASE – Faculdade de Educação da Serra – ES e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Lavras - UFLA. Atuou como professora efetiva em instituições de Educação Infantil da Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim e atualmente é professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da Universidade Federal de Lavras - UFLA, no Núcleo de Educação da Infância - NEDI. Integra o Núcleo de estudos, pesquisas e extensão em Infâncias e Educação Infantil - NEPI/UFLA. Interessa-se por temáticas relacionadas à Políticas Públicas, Gestão, Currículo e Formação Docente na Educação Infantil.

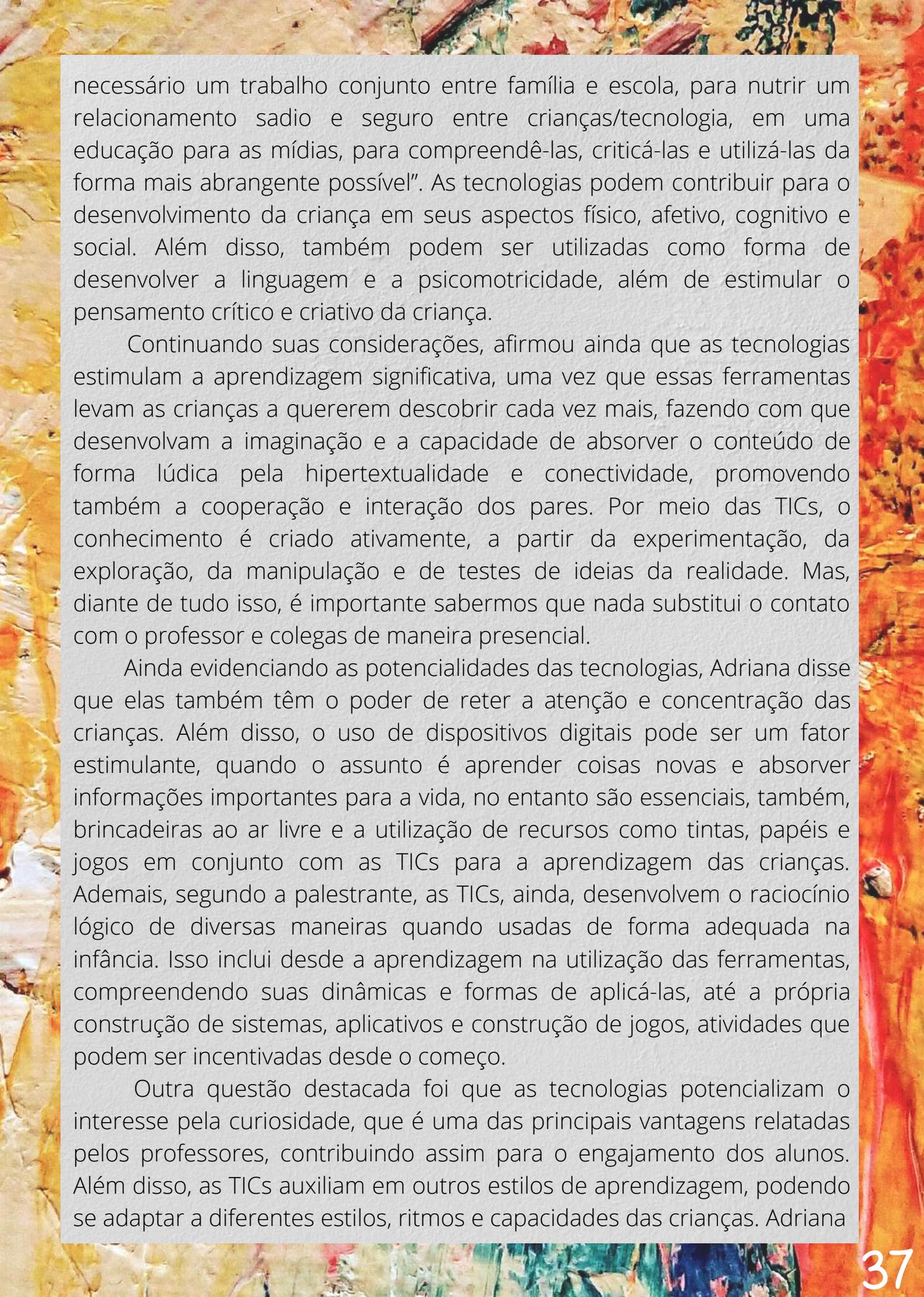
A professora Elisangela deu início ao evento agradecendo a presença de todos, assim como também da professora palestrante, orientando sobre como seria a dinâmica do evento e, logo em seguida, passou a palavra à professora Adriana Mastela.

A professora Adriana iniciou afirmando que as tecnologias foram feitas para auxiliar o homem, e não o homem para servir às tecnologias, assim, nós precisamos extrair os benefícios que elas trazem, ao mesmo tempo que precisamos aprender a ter domínio sobre elas. Mencionou o fato de que dadas as mudanças sociais, as tecnologias sempre estiveram presentes na sociedade e, logo após, explicou o que são as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), trazendo como exemplo os celulares, tablets, notebooks, internet, câmeras digitais, etc. Entre alguns autores que abordam o assunto, foi citado Pérez Gomes (2015), ao afirmar que, na denominada Sociedade da Informação ou do Conhecimento em que vivemos, fazemos parte de um momento em que as principais atividades do ser humano estão relacionadas à informação.

Dando sequência, Adriana compartilhou sua experiência de quando surgiu o computador e a internet, que foi algo muito encantador e novo na época, utilizando essa memória para traçar um comparativo com os tempos atuais.

Afirmou que a internet e as tecnologias já estão tão presentes, nos dias atuais e que crianças de apenas dois anos de idade já sabem manusear celulares. No entanto, a esse respeito, a palestrante alertou os ouvintes, pois, em sua experiência como psicóloga clínica, tomou conhecimento de crianças muito novas que não deixavam o celular, nem mesmo para dormir e, nesse caso, é preciso a intervenção de um adulto responsável por estabelecer limites a essas crianças. Citou a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), ressaltando quão importante é que as crianças tenham acesso às tecnologias, pois são instrumentos de aprendizagem e atuam também na vida das crianças de maneira crítica, significativa e ética, no entanto indicou a intervenção dos adultos sobre o tempo e modos de uso.

Direcionando sua fala para as possibilidades de aprendizagem, por meio das tecnologias, Adriana considerou que é possível que as crianças aprendam por meio das TICs, desde que se tenham objetivos pedagógicos com essas práticas. Nesse sentido, citou Moran (2011): “É



necessário um trabalho conjunto entre família e escola, para nutrir um relacionamento sadio e seguro entre crianças/tecnologia, em uma educação para as mídias, para compreendê-las, criticá-las e utilizá-las da forma mais abrangente possível". As tecnologias podem contribuir para o desenvolvimento da criança em seus aspectos físico, afetivo, cognitivo e social. Além disso, também podem ser utilizadas como forma de desenvolver a linguagem e a psicomotricidade, além de estimular o pensamento crítico e criativo da criança.

Continuando suas considerações, afirmou ainda que as tecnologias estimulam a aprendizagem significativa, uma vez que essas ferramentas levam as crianças a quererem descobrir cada vez mais, fazendo com que desenvolvam a imaginação e a capacidade de absorver o conteúdo de forma lúdica pela hipertextualidade e conectividade, promovendo também a cooperação e interação dos pares. Por meio das TICs, o conhecimento é criado ativamente, a partir da experimentação, da exploração, da manipulação e de testes de ideias da realidade. Mas, diante de tudo isso, é importante sabermos que nada substitui o contato com o professor e colegas de maneira presencial.

Ainda evidenciando as potencialidades das tecnologias, Adriana disse que elas também têm o poder de reter a atenção e concentração das crianças. Além disso, o uso de dispositivos digitais pode ser um fator estimulante, quando o assunto é aprender coisas novas e absorver informações importantes para a vida, no entanto são essenciais, também, brincadeiras ao ar livre e a utilização de recursos como tintas, papéis e jogos em conjunto com as TICs para a aprendizagem das crianças. Ademais, segundo a palestrante, as TICs, ainda, desenvolvem o raciocínio lógico de diversas maneiras quando usadas de forma adequada na infância. Isso inclui desde a aprendizagem na utilização das ferramentas, compreendendo suas dinâmicas e formas de aplicá-las, até a própria construção de sistemas, aplicativos e construção de jogos, atividades que podem ser incentivadas desde o começo.

Outra questão destacada foi que as tecnologias potencializam o interesse pela curiosidade, que é uma das principais vantagens relatadas pelos professores, contribuindo assim para o engajamento dos alunos. Além disso, as TICs auxiliam em outros estilos de aprendizagem, podendo se adaptar a diferentes estilos, ritmos e capacidades das crianças. Adriana

citou, como exemplo, os jogos que fazem com que ocorra a compreensão de regras, estratégias e atalhos para que as crianças aprendam de forma divertida e interativa.

Algumas mídias podem atuar como coadjuvantes ao desenvolvimento de funções cognitivas e sensoriais, melhorando a noção espacial, as habilidades motoras, o processo de tomada de decisões e a autonomia, pois, quando a criança busca ativamente uma informação, ela começa a compreender o sentido da autonomia, resolvendo sozinha as suas questões. Além disso, a tecnologia também desperta novos conhecimentos, porque possibilita o acesso a um mundo de ideias, pessoas, culturas, idiomas, informações e conhecimentos, fazendo com que a criança tenha uma formação de opinião e senso crítico.

Adriana Mastela afirmou ainda que os benefícios, anteriormente citados, só ocorrem se houver um uso de forma equilibrada das tecnologias e, assim, deu início às suas considerações sobre os seus maus usos. Segundo a psicóloga e professora, quando não ocorre um equilíbrio, no uso das tecnologias, alguns transtornos, como depressão, ansiedade, agressividade e outros podem ocorrer entre as crianças. Ainda podem gerar o isolamento social e o sedentarismo infantil, uma vez que as crianças não se movimentam, para ter uma infância saudável, bem como desenvolverem a coordenação motora. A psicóloga citou o Cyberbullying, que é a violência psicológica e/ou física que provoca intimidação e humilhação à vítima, podendo propiciar consequências ainda piores pelo alcance e velocidade das informações.

Trazendo o assunto para o período pandêmico, Adriana afirmou que os psicólogos acreditam que o ambiente digital teve dois grandes papéis, durante a pandemia: ajudar as crianças em seus processos cognitivos e em sua socialização. As crianças podem ter acesso às tecnologias, mas, para que haja um equilíbrio, é preciso tomar alguns cuidados em casa, sob a mediação dos responsáveis e, na escola, com a orientação dos professores.

Segundo a palestrante, é importante impor limites, como, por exemplo, estabelecer uma quantidade máxima de horas de navegação, promovendo assim uma utilização saudável do meio digital pelas crianças. Dessa maneira, a indicação é de 1h diária, para crianças entre dois e cinco anos e, para crianças entre seis e doze anos, são indicadas 2h por dia.

Ademais, para os adolescentes, é recomendado que o tempo seja estipulado de forma personalizada. Além de que, é preciso monitorar o conteúdo acessado, conferindo se a classificação indicada é adequada.

Finalizando sua apresentação, Adriana Mastela concluiu que os pais e a escola têm um papel essencial na educação digital das crianças, podendo fazer o uso consciente das TICs de forma pedagógica. Assim, segundo ela, é possível sair um pouco do ensino convencional e aplicar soluções tecnológicas, com o objetivo de otimizar o aprendizado, incentivando o interesse das crianças pelo estudo. A fala foi encerrada com a seguinte frase: “Atrás de cada criança que acredita em si mesma está uma família que acreditou primeiro” (Mayara Benatti).

Após a palestra, a mediadora Elisangela Brum realizou as perguntas feitas pelos participantes durante o evento:

1) A negociação do uso de telas, sejam celulares, videogames e computadores, é difícil para quase todas as famílias. Como limitar o uso sem causar conflitos em casa?

Realmente é difícil, pois as crianças têm um prazer enorme em ficar com os aparelhos. É importante que as famílias conversem com a criança, explicando que o uso excessivo está prejudicando a aprendizagem e seu desenvolvimento, impondo maneiras melhores em relação ao uso das TICs. A criança não pode mandar em casa.

2) Talvez seja interessante, também, um acesso em conjunto da família a determinados conteúdos, para explicar o que está sendo visto, você concorda?

Sim, existem muitas coisas legais para verem com seus filhos em conjunto, como vídeos, jogos educativos, porque as TICs também têm o objetivo de lazer e interação familiar, devemos extrair o melhor que elas podem oferecer.

3) Como as Tecnologias da informação e comunicação podem influenciar nos desejos de compra das crianças e nos hábitos de consumo?

As propagandas afetam diretamente a criança, despertando o desejo por aquele material, os pais devem tomar cuidado com isso. Em relação ao

consumo, eduque seu filho de acordo com suas possibilidades.

4) É possível dizer que o consumo desenfreado das telas influencia nas formas como as crianças vivenciam sua infância, principalmente no tocante à socialização?

Totalmente. Se a criança está muito envolvida com telas e aquilo a satisfaz de tal forma, a sua necessidade de brincar, ela esquece o contato com o colega, achando desnecessário socializar com outras crianças. É essencial o equilíbrio.

Ao final do encontro, a mediadora Professora Elisangela Brum agradeceu a participação de todos, inclusive da palestrante. Adriana também agradeceu pela oportunidade que o NEDI lhe ofereceu em conduzir o 4º encontro virtual do projeto de extensão Escola de Famílias.

5º TEMA:

TIA OU PROFESSORA?
A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL



Palestrante:

Apolliane Xavier
Moreira dos Santos



Palestrante:

Franciane Sousa
Ladeira Aires



Mediadora:

Ana Paula
Coelho Silva

Transmitido em
14 de julho de 2021 - 19h



Núcleo de Educação da Infância



<https://www.youtube.com/watch?v=N8Hz170L5pk>

5º RELATO

Tia ou Professora? A docência na Educação Infantil

No dia 14 de julho de 2021, foi realizado o 5º encontro virtual do projeto de extensão Escola de Famílias: saberes escolares e práticas familiares, uma relação possível, transmitido pelo canal do Núcleo de Educação da Infância (Nedi) no Youtube, com o tema Tia ou Professora? A docência na Educação Infantil, tendo como palestrantes as professoras Franciane Sousa Ladeira Aires e Apolliane Xavier Moreira dos Santos, tendo como mediadora a professora Ana Paula Coelho Silva. O encontro contou com a presença de famílias, estudantes, professoras e bolsistas.

A professora Franciane Sousa Ladeira Aires é graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional –UNINTER, em Normal Superior pela Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC e em Filosofia pela Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ; pós-graduada em Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação para o Ensino Básico pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF; pós-graduada em Mídias na Educação e em Educação Empreendedora pela Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ; pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade Castelo Branco - UCB. Ela é mestra em Educação pela Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ. Integra o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Infâncias e Educação Infantil (NEPI) da UFLA e o Grupo de Estudos Críticos do Discurso Pedagógico (GECDiP) da UFSJ. Possui experiência como docente na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e no Ensino Superior.

A professora Apolliane Xavier Moreira dos Santos é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa – UFVe Pós-graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Vale do Piranga - FAVAPI. Ela é mestra em Educação pela Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ. Integra o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Infâncias e Educação Infantil (NEPI). Possui experiência como docente na Educação Infantil, no Ensino Técnico e no Ensino Superior. Interessa-se pelo campo da Educação

Infantil com foco na Linguagem, Sociologia da Infância e Educação Ambiental.

A professora Ana Paula Coelho Silva é Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ; pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC; mestra em Gestão e Avaliação da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Integra e coordena o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Infâncias e Educação Infantil (NEPI), sendo também líder do Grupo de Pesquisa em Infâncias e Educação Infantil vinculado ao CNPq. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Gestão da Educação Pública, Educação Infantil e Educação a distância. Pesquisa temas relacionados à gestão escolar, ao currículo e à Educação Infantil.

A professora Franciane deu início ao encontro, com um poema de Bráulio Bessa intitulado “A força do professor”. Trouxe dados relativos à porcentagem de mulheres na educação, sendo 81% atuando na educação de forma geral e 96% na educação infantil. Esses dados revelam que a profissão docente é majoritariamente feminina.

A professora conceituou os termos tia e professora, de acordo com o significado encontrado no dicionário e em outras fontes. Nesse sentido, entende-se que tia é nome dado a uma pessoa da família que possui sobrinhos e, nessa relação afetuosa, de cuidado, não é necessário estudar para ocupar tal posição. Em contrapartida, ser professora é exercer uma profissão, ou seja, não é um dom, um chamado ou uma forma de maternidade. Para tal profissão, é necessário à pessoa formação acadêmica que a habilite lecionar tendo uma responsabilidade ética, estética e política.

Então, por que as professoras são chamadas de tias? A palestrante apresentou várias teorias de como isso tudo começou. Embasada nas autoras Eliana Novaes e Guiomar Melo, mostrou algumas hipóteses das docentes da Educação Infantil serem chamadas de “tias”. Uma delas é que isso pode ocorrer, pois, “a professora que, por ser mulher, confunde o seu saber técnico com o saber doméstico”.

Assim, a professora fez um breve retorno histórico, relatando que as mulheres começaram a trabalhar nas fábricas e não tinham com quem deixar seus filhos. Nasceram, então, as primeiras instituições para receber

essas crianças, porém bastava saber cuidar, alimentar e ser mulher, para trabalhar nesses lugares. Acredita-se que o termo “tia” começou a ser utilizado, para se referir às professoras, de acordo com a autora Eliana Novaes, em meados de 1960, pelo fato das crianças terem facilidade em aprender a palavra.

Dando sequência à sua fala, a professora Franciane apresentou o seguinte questionamento: “Presente ou Armadilha?”. Ela destacou uma colocação de Paulo Freire, que considera o uso do termo “tia” uma “inocente armadilha”, já que é uma forma de desprofissionalização e também uma forma de diminuir as lutas dessas professoras, tirando dessas mulheres sua identidade, tanto profissional quanto pessoal.

A palestrante também pontuou que, ao questionar o termo tia para designar a professora, não é uma diminuição de ser tia. São termos diferentes com deveres e saberes diferentes. Portanto uma professora pode ser tia de seus sobrinhos e uma tia pode se formar e tornar-se professora.

Continuando a abordagem do que é ser professora, Franciane expôs que ensinar envolve uma tarefa profissional e ser tia é viver uma relação parental. Ser professora é ter uma profissão e ser tia não, havendo aí uma distorção dos papéis quando uma professora é chamada de tia. Dessa forma, não é uma questão de ter dom, jeitinho com criança ou gostar delas. Ser professora é, com certeza, ter afetividade, pois sem ela não é possível afetar as crianças a qual é primordial ao desenvolvimento dos pequenos. Porém deve-se ter um compromisso ético, estético e político, não se tem margens para amadorismo.

Concluindo a sua fala, a professora Franciane falou um pouco sobre a possibilidade de se relacionar com as crianças sem usar o termo “tia”. As professoras estão deixando suas marcas e o amor, o carinho e a aproximação fazem parte dessas marcas. Contudo é fundamental que as crianças entendam que a professora não faz parte da sua família. Ela é uma pessoa que tem nome e escolheu exercer aquela profissão. Deste modo, ser chamada de professora não significa que não há afeto, carinho e amor.

Dando continuidade às discussões, a professora Apolliane refletiu sobre as dimensões da profissionalização docente, trouxe aspectos e direcionamentos sobre a formação do profissional de educação. “O

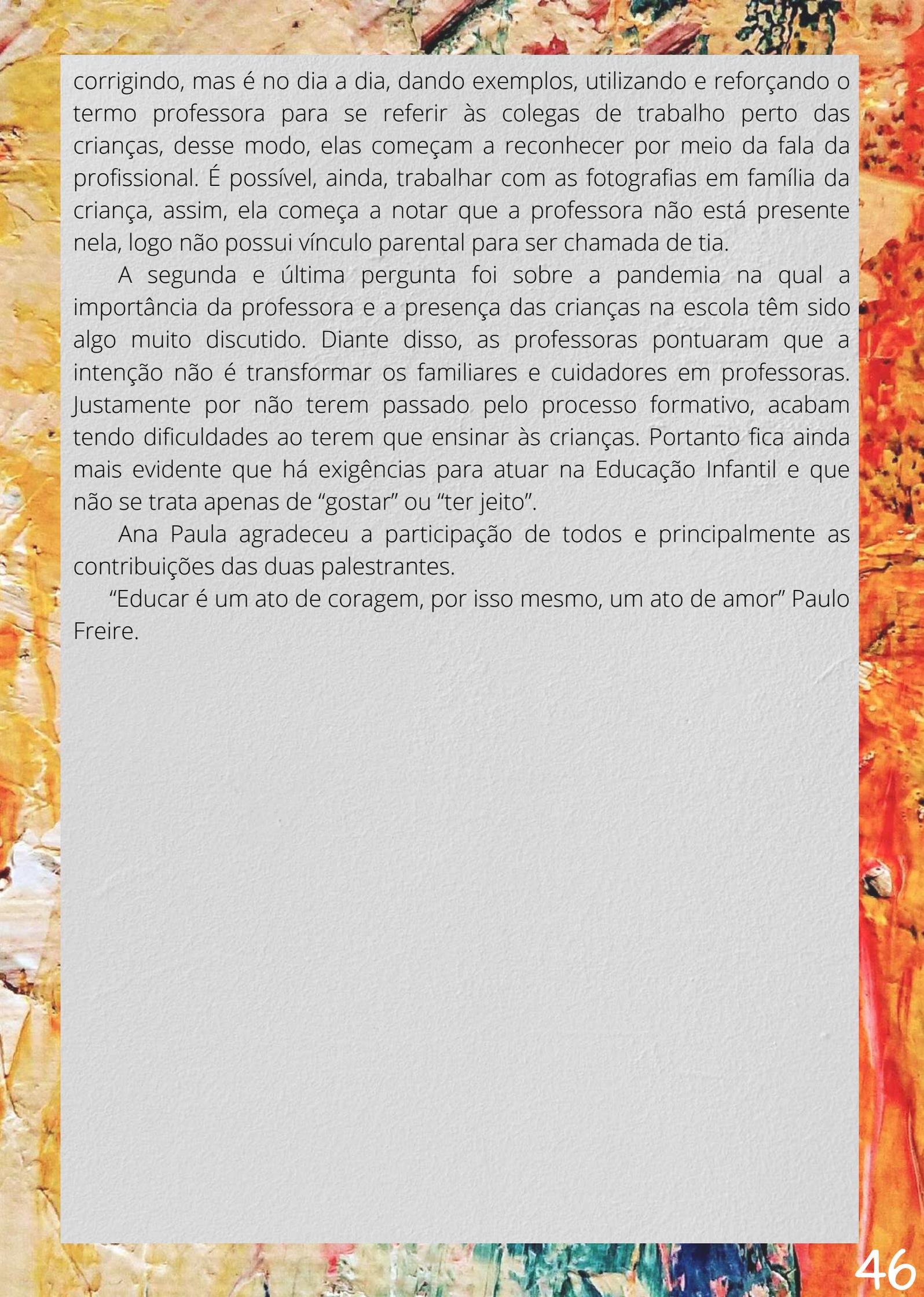
desenvolvimento profissional docente está relacionado a um processo de mudanças que envolve inúmeras etapas, como a formação inicial, a formação continuada e as experiências pessoais e profissionais". Nessa perspectiva, buscou apontar que ser professora é ocupar esse lugar de docente e requer uma grande responsabilidade tanto em relação às crianças quanto à formação, dado que a professora tem que estar em constante movimento e ressignificando sempre sua prática docente.

Assim, a palestrante elencou pontos relevantes dessa prática, sendo eles: planejamento da carreira profissional, atualização dos conhecimentos científicos, atualização dos conhecimentos pedagógicos, organização e condução do ensino e aprendizagem, participação na gestão escolar, investigação da própria prática e responsabilidade social. Por isso, a professora tem uma função social e uma responsabilidade inquestionável que só são possíveis com muito estudo e isso nada se encaixa em ser "tia".

Instigando reflexões, a professora Apolliane propôs que os participantes pensassem se as (os) profissionais que estão atendendo a criança são qualificados, se estão em condições propícias dentro do ambiente escolar, a fim de lecionar as aulas do modo que desejam, se estão ali sem gostar da profissão ou se estão sendo bem cuidadas (os). Para que as famílias se sintam seguras, em deixar suas crianças na Educação Infantil, é preciso pensar nessas questões. Além disso, a professora refletiu sobre a importância da docência ou da pesquisa na área da Educação Infantil, do mesmo modo que é vista essa importância em outras profissões.

Por fim, a professora Apolliane ressaltou o trabalho realizado no Núcleo de Educação da Infância - Nedi. Salientou que, nas suas práticas diárias, as docentes sempre se nomeiam como professora x, para dar exemplo às crianças. Elas não repreendem quando são chamadas de tia pelas crianças ou pelos familiares. Com o tempo, todos vão compreendendo e participando desse processo de valorização do docente, que atua com as crianças.

Finalizando o encontro, a professora Ana Paula direcionou duas perguntas destinadas às palestrantes. A primeira delas diz respeito a como fazer intervenções quando a criança chamar a professora de "tia". As professoras responderam que não é de forma impositiva ou ficar



corrigindo, mas é no dia a dia, dando exemplos, utilizando e reforçando o termo professora para se referir às colegas de trabalho perto das crianças, desse modo, elas começam a reconhecer por meio da fala da profissional. É possível, ainda, trabalhar com as fotografias em família da criança, assim, ela começa a notar que a professora não está presente nela, logo não possui vínculo parental para ser chamada de tia.

A segunda e última pergunta foi sobre a pandemia na qual a importância da professora e a presença das crianças na escola têm sido algo muito discutido. Diante disso, as professoras pontuaram que a intenção não é transformar os familiares e cuidadores em professoras. Justamente por não terem passado pelo processo formativo, acabam tendo dificuldades ao terem que ensinar às crianças. Portanto fica ainda mais evidente que há exigências para atuar na Educação Infantil e que não se trata apenas de “gostar” ou “ter jeito”.

Ana Paula agradeceu a participação de todos e principalmente as contribuições das duas palestrantes.

“Educar é um ato de coragem, por isso mesmo, um ato de amor” Paulo Freire.

6º TEMA:

A RECUSA ALIMENTAR NOS
PRIMEIROS ANOS DA INFÂNCIA
E O PAPEL DA FAMÍLIA E DA
ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DE
HÁBITOS ALIMENTARES
SAUDÁVEIS



Palestrante:

Melissa Guimarães
Silveira Rezende



Mediadora:

Ana Paula
Coelho Silva

Transmitido em
24 de agosto de 2021 - 19h



Núcleo de Educação da Infância



<https://www.youtube.com/watch?v=O03MoCuXbtc>

6º RELATO

A recusa alimentar nos primeiros anos da infância

No dia 24 de agosto de 2021, foi realizado o 6º encontro virtual do projeto de extensão “Escola de Famílias: saberes escolares, práticas familiares, uma relação possível”, transmitido pelo canal do Núcleo de Educação da Infância - Nedi no Youtube. O evento foi mediado pela professora Ana Paula Coelho Silva e teve como palestrante a professora Melissa Guimarães Silveira.

A professora Melissa Guimarães Silveira Resende tem graduação em Nutrição pela Universidade Federal de Ouro Preto (2001) e especialização em Nutrição Humana e Saúde pela Universidade Federal de Lavras (2003). Realizou mestrado em Ciência dos Alimentos (2005) e doutorado em Ciência dos Alimentos (2015) pela Universidade Federal de Lavras. Atualmente é docente da Universidade Federal de Lavras no Departamento de Nutrição. Possui experiência na área de Nutrição Clínica e Saúde Coletiva (atuação) e Ciência dos Alimentos (pós-graduação). Coordena projetos de pesquisa: Influência da Educação Nutricional nos Hábitos Alimentares de Pré-Escolares de um Núcleo de Educação Infantil; Avaliando o Consumo Alimentar e Adequação Nutricional em Crianças na Primeira Infância em Lavras-MG.

A mediação do evento foi realizada por Ana Paula Coelho Silva, professora e coordenadora geral do Nedi que possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ. Tem pós-graduação em Psicopedagogia pela Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC. Realizou o mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (2013). Integra e coordena o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Infâncias e Educação Infantil (NEPI), sendo também líder do Grupo de Pesquisa em Infâncias e Educação Infantil vinculado ao CNPq. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Gestão da Educação Pública, Educação Infantil e Educação a distância. Pesquisa temas relacionados à gestão escolar, ao currículo e à Educação Infantil.

O evento teve início com a fala da professora Ana Paula que apresentou a palestrante e destacou a importância do tema para as famílias e professoras das crianças matriculadas no Nedi.

A professora Melissa, iniciando a sua fala, pontuou que se considera o processo de alimentação desde a gestação. Explicou que, mesmo dentro da barriga da mãe, o bebê já tem contato e interferências alimentares da mãe, dado que, ali no ventre, o líquido amniótico já possui aroma baseado na alimentação. Após o nascimento, recomenda-se que o leite materno seja a única fonte de alimento até os seis meses de vida do bebê, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), sem necessidade de água ou outros líquidos, pois o leite contém todos os nutrientes necessários.

A partir dos seis meses, o leite deixa de ser o suficiente, sendo necessária uma alimentação complementar, no entanto não é preciso que a mãe pare de amamentar. Assim, a introdução alimentar deve ser iniciada, considerando ainda essa fase essencial, para a aquisição de hábitos alimentares saudáveis, pois é nessa fase que tudo será novo e todo alimento saudável deve ser apresentado.

Nesse sentido, a professora chamou a atenção aos hábitos alimentares da família que farão toda a diferença e pontuou que, ao inserir novos alimentos na dieta das crianças, uma série de fatores devem ser considerados em relação à sua recusa ou aceitação. Assim, primeiramente, afirmou que a criança reflete o hábito alimentar de onde ela convive, isso significa que se ela não vê os pais ou cuidadores tendo uma alimentação equilibrada e saudável, conseqüentemente, ela também não criará esse hábito.

Em segundo lugar, destacou que, quando a criança começa a experimentar novos alimentos, é comum que haja certa estranheza, pelo fato de ela ainda estar muito acostumada com o leite materno, logo uma comida com a textura distinta do leite não a deixa tão segura, pois é algo novo. Portanto é normal a criança gostar de brincar com a comida, visto que, para ela, é uma nova textura. Além disso, a criação de um hábito que estabeleça um sentimento de segurança, para que a criança consiga se alimentar de um determinado alimento, vai sendo construído frequentemente.

Dando sequência, Melissa ressaltou a importância de ofertar uma variedade de alimentos às crianças, no processo de introdução alimentar, que, por conseguinte, aumenta as chances de ela aceitar esse alimento futuramente. Portanto é fundamental que a família invista numa boa alimentação e que, nesses primeiros contatos da criança com o alimento, a variedade esteja presente. Outro ponto é a recusa inicial, não podemos concluir que a criança não gosta do alimento com poucas tentativas, tudo é questão de tempo, adaptação e confiança.

Com as crianças matriculadas na Educação Infantil, que são as crianças com seis anos incompletos, a alimentação vai certamente ser uma consequência da alimentação inicial, porém nunca é tarde para melhorar os hábitos, pois é decisiva na vida adulta. Nessa fase, o papel da escola é importante à formação de hábitos alimentares e pode influenciar sobremaneira nas escolhas das crianças.

Posteriormente, a palestrante falou acerca de alguns malefícios que envolvem uma alimentação inadequada. Primeiramente, comentou a respeito do sedentarismo, que pode ser associado ao uso em excesso de tecnologias, o que pode causar também aumento de peso, visto que, quando comemos com a atenção desviada, perdemos o controle da saciedade. Em segundo lugar, ela abordou as consequências do consumo de manufaturados industrializados, que, quando possível, devem ser substituídos por alimentos naturais, produzidos, inclusive, com o auxílio das crianças.

A professora Melissa destacou que é preciso respeitar a saciedade da criança, pois ela não come a mesma quantidade que os adultos. Quando ela disser que não quer mais, é preciso considerar e não ficar insistindo com expressões, como “só mais uma colherzinha” ou com a recompensa, “se você comer tudo, depois vai ganhar outra coisa”.

Em seguida, reforçou a necessidade de os pais se atentarem ao horário do almoço e estarem sempre perto da criança incentivando-a a comer. Outro ponto abordado é que, muitas vezes, para compensar ausências dos responsáveis, é oferecida às crianças comidas calóricas. Reafirmou que os hábitos alimentares, criados na fase pré-escolar, são levados para a vida toda, portanto é exigida muita atenção.

Com a sua experiência dá várias dicas para os cuidadores das crianças, como: sentar sempre à mesa nas refeições, evitando “coisas” que roubem

a atenção da criança; que esses momentos sejam prazerosos e que as crianças participem da preparação; não oferecer recompensas para a criança se alimentar; buscar respeitar a saciedade dos pequenos, oferecendo porções pequenas e chamativas; investir em alimentos coloridos e saudáveis; e evitar comidas extremamente salgadas, doces ou industrializadas.

Uma outra questão abordada pela palestrante, em relação à alimentação das crianças, é que, ao ofertarmos determinada comida calórica que elas gostam, pode influenciar no apetite em outras refeições, porque o corpo da criança só aceita uma dada quantidade de calorias. Ela destacou também a necessidade de ir oferecendo o alimento de diversas formas, por exemplo, a criança não come a couve crua, mas há a possibilidade de fazer um suco ou refogada.

Melissa também falou de ocasiões em que, às vezes, a alimentação saudável não é seguida à risca, por exemplo, quando estamos doentes, momento em que o apetite muda totalmente e com a criança não é diferente. Ela comentou que, em um primeiro momento, pode oferecer o que ela gosta, mas que depois tem que retomar a uma alimentação rica em nutrientes.

Logo em seguida reafirmou que os pais e a escola são importantes para a criação de hábitos na criança e que a faixa etária pertencente à Educação Infantil é a etapa ideal para a construção e reconstrução de hábitos alimentares.

Finalizando o encontro, a professora Melissa fez suas últimas considerações e respondeu a algumas perguntas realizadas pela mediadora de acordo com a participação do público. Ela comentou que a mídia exerce grande influência a respeito das escolhas alimentares da criança e que isso pode ocorrer quando elas ficam em contato com a televisão ou com a rede social. Assim, ela vê algo na internet e acaba criando uma certa preferência, por exemplo, “quero daquele iogurte” “aquela bolacha”.

Ana Paula agradeceu a presença de todos e as contribuições da professora Melissa, para esse projeto de integração entre a escola e a família e reafirmando que tanto escola e família contribuem para a formação de hábitos saudáveis nas crianças.

7º TEMA:

COMO E QUANDO
SE APRENDE
A LER E A ESCREVER?



Palestrante:

Ilsa do Carmo
Vieira Goulart



Mediadora:

Adriana Pryscilla
Duarte de Melo

Transmitido em
21 de setembro de 2021 - 19h



<https://www.youtube.com/watch?v=5DRlukvHpB8>

7º RELATO

Como e quando se aprende a ler e a escrever?

No dia 21 de setembro de 2021, foi realizado o 7º encontro virtual do projeto de Extensão “Escola de Famílias: saberes escolares e práticas familiares, uma relação possível”, por meio do canal no Youtube do Núcleo de Educação da Infância (Nedi). O tema do encontro foi “Como e quando se aprende a ler e a escrever”, mediado pela professora Adriana Priscilla Duarte de Melo e tendo como palestrante a professora Ilsa do Carmo Vieira Goulart.

Ilsa do Carmo Vieira Goulart é Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (2009), na Área: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte. Especialista em Psicopedagogia pela UCB (2005). Graduada em Letras, pela Fundação de Ensino Superior do Vale do Sapucaí (1997). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: história da literatura didático-brasileira, cultura material escolar, leitura, livro, leitor, alfabetização e práticas de leitura. Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita (NELLE-UFLA <http://www.nucleoestudo.ufla.br/nelle/>) e do Grupo de Pesquisa Linguagem, Leitura e Cultura Escrita, da Universidade Federal de Lavras.

Adriana Priscilla Duarte de Melo - Graduada em Normal Superior pela Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR. Pós-graduada em Designer Instrucional para EaD pela Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI. Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR. Pós-graduada em Supervisão Escolar pela Faculdade do Noroeste de Minas – FINOM. Pós-graduada em Educação Infantil pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá – FIJ. Pós-graduada em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Estadual de

Maringá – UEM. Mestre em Letras pela Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR. Possui cursos de Braille, Código Matemático para pessoas cegas e Libras. Integra o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Infâncias e Educação Infantil (NEPI). Possui experiência como docente na Educação Infantil, no Ensino Superior e no Atendimento Educacional Especializado, tendo atuado ainda como supervisora educacional na Educação Básica.

O encontro foi iniciado pela mediadora professora Adriana Priscilla que deu as boas vindas a todos os participantes do evento e apresentou a professora Ilsa, agradecendo a sua participação.

Ilsa iniciou sua fala enfatizando seus estudos e experiências na área de alfabetização e letramento, em que atuou por 15 anos como professora alfabetizadora e também como professora de língua portuguesa. Retomando a pergunta norteadora, “Como e quando se aprende a ler e a escrever”?, a palestrante destacou que é impossível datar exatamente esse acontecimento, pois se trata de um processo longo e complexo. Mediante essa indagação, outras questões foram problematizadas pela professora como: Por que esta criança não aprende a ler e a escrever? Como ou o que faço para esta criança aprender a ler e a escrever? Posso ensinar letras e sílabas a partir de qual idade?

Para ilustrar essas questões, a palestrante comentou sobre uma fala da pesquisadora Emilia Ferreiro, em uma entrevista, ao responder a uma pergunta parecida, “O importante não é ensinar a ler e a escrever e, sim, favorecer que essas crianças aprendam”. Ou seja, mais do que ensinar devemos permitir que elas aprendam, e isso vai além da memorização do código linguístico, de saber o nome das letras e dos números ou de saber traçá-los no papel, diz respeito a uma aprendizagem da função que a escrita representa e o que esta escrita representa. Também reproduziu três vídeos curtos de crianças, na fase de descoberta das letras, dos números e das sílabas e destacou que é um processo difícil e complexo para os pequenos e que está diretamente ligado às questões da função social da escrita, da relação que as crianças estabelecem com o mundo e com os objetos.

Após analisar os vídeos, outros questionamentos surgiram, como: que é saber ler e escrever? É saber o nome das letras? É saber soletrar? É saber o nome das sílabas? É saber copiar? Então, a partir dessas questões,

Ilsa pontuou que o entendimento de como se dá o desenvolvimento da aquisição da leitura e escrita pela criança é importante para que a professora possa fazer boas intervenções.

Dando sequência, a professora comentou que, por muito tempo, acreditava-se que o saber ler e escrever estava relacionado com a memorização e a reprodução, ou seja, se a criança dominasse a memorização das letras e a reprodução perfeita do que estava colocado no quadro, era considerada alfabetizada. No entanto alguns problemas relacionados a essa visão de leitura e escrita surgiram, como crianças que não conseguiam interpretar o que liam ou escrever pequenos textos sozinhas. A partir disso, teóricos e pesquisadores lançaram um novo olhar para a área, constatando que não se tratava de uma técnica de memorização e reprodução. Outro ponto relevante foi o entendimento de que a leitura e a escrita são habilidades diferentes e que possuem processos de compreensão e apreensão distintos, mas que estão relacionados, que exigem aspectos externos e intrapsíquicos.

Nesse ínterim, entende-se que a leitura não é somente de palavras, nós podemos ler imagens, palavras, gestos, expressões, sons e situações, dando-lhes sentido. Para reforçar essa concepção, a palestrante comentou que Paulo Freire enfatiza essa questão da leitura do mundo e da importância das vivências sociais na aprendizagem da leitura e da escrita.

Adiante, a professora Ilsa fez uma reflexão importante pontuando que a construção da habilidade da leitura está diretamente ligada ao sentido produzido pelo leitor. Assim, só podemos considerar que algo foi lido, se realmente fez sentido ao leitor.

Afirmou que a completude de escrever está em fazê-lo de forma espontânea, sem copiar ou soletrar. É importante deixar a criança arriscar-se ao escrever, da forma que ela compreende a escrita da palavra. A criança precisa vivenciar esses “erros” que são construtivos. O papel do professor nesta situação é compreender como a criança pensa e os seus “erros”, apoiando e intervindo em suas hipóteses, erros e acertos.

Dando continuidade, Ilsa comentou sobre um questionamento muito comum: “Se vivemos em um mundo rodeado de letras e escritas por todos os lados, por que a criança não aprende a ler e a escrever sozinha”?

Respondendo a essa questão, pontuou que escrever é um sistema de representação simbólica e que dificulta o entendimento da criança, pois exige habilidades anteriores. Outra questão refere-se ao sistema de escrita alfabético, que exige conhecer o alfabeto, compreendendo que os sons das letras se alteram nas palavras, dificultando a compreensão desse sistema. Por último, afirmou que o que ocorre é a falta de sentido para a criança, assim, o processo será mais rápido e eficaz se a escrita e leitura fizerem sentido. Portanto é compreensível que a aquisição dessas habilidades seja complexa e exija uma sistematização por parte da professora, considerando sempre que cada criança aprende de uma forma e em um ritmo diferente.

Em sua explanação, a palestrante salientou a importância da Educação Infantil considerando essa fase primordial para o processo de leitura e escrita. Antes de ler e escrever, a criança precisa passar por experiências de representação simbólica, sendo elas: gestos (movimentos, psicomotricidade, expressividade); imaginação (representação imaginária); desenho (grafismo infantil); escrita (diferentes momentos de escrita). Dessa maneira, entende-se que, mesmo que a criança não seja alfabetizada na Educação Infantil (o que também não é esperado), é importante entender que essas vivências, nessa etapa da educação básica, são necessárias para que no Ensino Fundamental as habilidades de leitura e de escrita sejam contempladas de forma efetiva.

A Educação Infantil é um espaço, por excelência, de expressão das múltiplas linguagens, em que o conhecimento de si e do mundo é realizado por meio de experiências sensoriais, expressivas e corporais. Ademais, é um ambiente para práticas de letramento em que as crianças podem ter contato com a leitura e escrita e entender para que servem. Por fim, Ilsa pontuou que a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo que deve ser estimulado, orientado e mediado pelas relações interpessoais.

Caminhando para o encerramento do encontro, a professora Adriana Priscilla repassou as perguntas feitas, durante o encontro, para a professora palestrante:

- É verdade que crianças que estão em processo de alfabetização confundem as letras se não forem escritas todas do mesmo tamanho, por exemplo?

As diferentes formas de escrita, como maiúsculas e minúsculas, confundem, sim, as crianças. Por possuírem traçados distintos, a criança precisa aprender uma possibilidade e apresentá-las de forma gradual, após a compreensão um determinado tipo de letra, pode-se apresentar outro modo de traçado da anterior.

- A escrita espelhada é um sinal de problemas na infância?

Quando a criança começa a fazer cópias das letras, muitas vezes, esse processo se inicia de forma espelhada. Isso decorre de uma condição da percepção visual em correlação com a coordenação motora fina. Nós vemos de forma inversa, e o cérebro coloca na forma correta, quando a criança está nesse processo, ela acaba reproduzindo de maneira automática aquilo que captou pela visão internamente. Essa fase de espelhamento das letras pode durar pouco tempo e não é um problema de ordem cognitiva e, sim, de ordem de processamento entre a ação visual e motora. Trata-se de uma condição normal no processo de aprendizagem da escrita.

- Existem algumas palavras que são pronunciadas de maneira equivocada pelas crianças pequenas, chega a ser engraçado. Devemos corrigir? Ou podemos deixar?

A questão da expressão oral de palavras pode estar relacionada a duas situações, uma referente à percepção auditiva da criança e a outra à emissão da fonetização ou da forma como ela articula a emissão sonora da palavra. É muito comum, até mesmo na fase da escrita, o ideal é a repetição correta da palavra em tom claro e lento. Sem fazer correções, evitando falar “você está falando errado”.

- O fato de uma criança ser inserida precocemente no universo da leitura e da escrita de forma sistematizada, fará com que ela se torne um adulto leitor?

A condição de se tornar leitora depende de como acontece esse processo de ser inserida em atividades de leitura e escrita, pois a criança será leitora, se conseguir atribuir sentido para a própria leitura e se entender para que serve ler e escrever. Se a criança não compreender isso, ela não se tornará uma pessoa leitora, mesmo que tenha sido precocemente estimulada.

8º TEMA:

A DIVERSIDADE FAZ PARTE DO
PROCESSO EDUCATIVO
PROMOVIDO PELA ESCOLA E
PELA FAMÍLIA EM CONTEXTOS
SIGNIFICATIVOS?



Palestrante:

Edmilson dos
Santos Ferreira



Mediadora:

Letícia Silva Ferreira

Transmitido em
26 de outubro de 2021 - 19h



Núcleo de Educação da Infância



<https://www.youtube.com/watch?v=YqLJQ6DwdaU>

8º RELATO

A diversidade faz parte do processo educativo promovido pela escola e pela família em contextos significativos ?

No dia 26 de outubro de 2021, foi realizado o oitavo encontro virtual do projeto de extensão “Escola de Famílias”, mediado pela professora Letícia Silva Ferreira do Nedi/UFLA, tendo como palestrante o professor Edmilson dos Santos Ferreira. A temática discutida no encontro foi “ A diversidade faz parte do processo educativo promovido pela escola e pela família em contextos significativos ?”

O professor Edmilson possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1997), graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Salgado de Oliveira (2006), mestrado em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (2008) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019). Atualmente é professor especialista - Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer - Magé e técnico em assuntos educacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: educação de jovens e adultos, educação infantil, formação de professores de ciências, metodologia de ensino, formação de professores e ensino de ciências.

A mediadora, professora Letícia, é graduada em Pedagogia pela UFSJ, pós-graduada em Educação Ambiental pela UFLA e mestre em Desenvolvimento Sustentável e Extensão pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Infâncias e Educação Infantil (NEPI), o Grupo de Estudos e Pesquisas Mulheres e Raça (MURA) e também o Núcleo de Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita (NELLE). Possui experiência como docente na Educação Infantil, Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Educação a distância. Pesquisa temas relacionados a Gênero, Raça, Sustentabilidade, Acesso e Permanência de mulheres negras em níveis superiores de ensino e Sociologia da Infância.

O professor Edmilson deu início à sua fala ressaltando a importância de enxergarmos as crianças como sujeitos de direitos, que têm voz, desejos, sentimentos e suas percepções próprias do mundo. Sendo assim, devemos escutá-las, para além da linguagem oral, temos que estar atentos a todas as formas de expressão que elas utilizam. Também pontuou sobre a relevância das brincadeiras como um eixo fundamental para a educação das crianças. Segundo ele, as brincadeiras fazem com que elas aprendam muito sobre o mundo social e, nesse sentido, considerou ser importante tratarmos as questões étnico-raciais, nas interações e no cotidiano da vida escolar dos pequenos, tendo como suporte a literatura infantil negra, indígena e afro-brasileira.

Edmilson considerou que temos que pensar em narrativas que alcancem todas as crianças, negras e não negras, na perspectiva das relações étnico-raciais. Para o professor, as práticas educativas, promovidas na Educação Infantil, são o ponto inicial para o alcance de uma sociedade antirracista.

De acordo com as pesquisas realizadas pelo palestrante, a maioria dos professores e professoras brancos apoiam e dão voz ao movimento antirracista nas escolas, reconhecendo que são detentores de privilégios, entendendo a necessidade dessas pautas na educação. Para ele, faz-se necessária a compreensão de dois conceitos fundamentais para entendermos essa questão, quais sejam, a "branquitude" e a "branquidade". Utilizando-se das considerações de Piza (2005, p. 07), Edmilson explicou que "Branquitude é um movimento de reflexão a partir e para fora da própria experiência enquanto brancos. É o questionamento consciente do preconceito e da discriminação que pode levar a uma ação política antirracista". Já a branquidade está relacionada à posição dos sujeitos que não estão dispostos a abrir mão dos seus privilégios e vantagens em relação à população negra.

O palestrante afirmou que os professores que apoiam ações antirracistas nas escolas realizam microações afirmativas que potencializam a autoestima das crianças e permitem que elas denunciem, critiquem e reivindiquem o seu lugar de fala. Por meio dessas microações afirmativas, as crianças expressam suas necessidades e refletem sobre seus sentimentos e emoções, podendo ser feitas por desenhos, fotografias e vídeos, que emergem da sua imaginação, buscando a construção de si mesmo.

Continuando sua fala, Edmilson asseverou que uma educação antirracista é importante e que escola e família repensem suas narrativas, atentando-se ao fato de que precisamos escutar nossas crianças para que possamos também refletir sobre o que estamos lhes falando. O conjunto das colocações do professor evidenciam que existem muitos desafios ao se trabalhar as questões étnico-raciais na sociedade brasileira.

Segundo o professor, existem inúmeros desafios, ao se trabalhar as relações étnico-raciais, pois, por muitas vezes, esse tema foi silenciado em função de vivermos em um país que acoberta as práticas racistas e que apresenta uma cultura que marginaliza os negros, mostrando-se contra as manifestações afro-brasileiras e indígenas. Nas escolas pouco se vê literatura negra, trabalhos com a cultura e a religiosidade desses povos. Assim, as crianças negras e não negras acabam sendo distanciadas do conhecimento étnico-racial, reforçando o silenciamento, o racismo e a desigualdade social.

Chegando ao fim de sua fala, Edmilson pontuou alguns aspectos levantados pelo questionário online feito com as famílias do Nedi anteriormente ao evento. Foi identificado que 100% das configurações familiares são compostas por pai, mãe e filho/a; 50% são famílias negras (sendo pelo menos um preto ou pardo); o mínimo da escolaridade dos pais são o ensino superior; em sua maioria, são famílias de classe média.

Em suas considerações finais, o palestrante pontuou várias ações que podem ser praticadas pelas instituições, para melhorar e intensificar o trabalho com relações étnico-raciais:

- Centros de estudos previstos na calendário escolar;
- Participação dos professores como formadores de seus próprios pares;
- Ouvir os temas propostos de acordo com a demanda do grupo;
- Representatividade negra;
- Ampliação dos livros do acervo de temáticas africanas e afro-brasileiras;
- Roda de conversas e atividades práticas com a temática racial.
- Encerrando a exposição do tema abordado, o palestrante devolveu a palavra à mediadora Letícia, que possibilitou então espaço para perguntas entre os participantes do evento, quais sejam:

Perguntas:

1. Edmilson, como é possível ver as mudanças a partir do trabalho com a diversidade no cotidiano das crianças? Digo, como elas manifestam as mudanças ou novos comportamentos?

R: Vale a pena observar que existem casos e situações, é possível a gente perceber quando existe um projeto e uma proposta da escola de intervenção. Podemos perceber, em curto, médio e longo prazo, mudanças nos comportamentos das crianças e também nos adultos. Quando fazemos uma seleção de materiais, disponibilizamos literatura infantil negra e temos toda uma ação de trazer personagens negros, a gente faz com que as crianças negras se percebam como pertencentes a esse grupo racial. O importante é que haja um processo, assim eles vão construindo uma memória afetiva e a mudança pode acontecer mais tarde.

2. Professor Edmilson, você acha que as crianças negras têm condições de entender que estão sendo discriminadas na escola, na família, na igreja ou em outros espaços?

R: Sim, elas entendem, a partir dos três e quatro anos elas já conseguem apontar, denunciar e criticar essa discriminação, seja pelo choro, silenciamento, isolamento ou pelo desejo de se embranquecer. Ou seja, desejo de ter cabelos lisos, desejo de não ter traços negros (como nariz e boca avantajados). Portanto elas entendem a discriminação, só não sabem nomear.

3. É importante falar sobre racismo com nossas crianças? De que modo?

R: Sim, a partir da literatura infantil negra, indígena e afro-brasileira, trabalhando sempre em espaços formais e não formais.

4. Edmilson, você acredita que por meio da educação seja possível alcançarmos uma sociedade sem racismo?

R: Sim, acredito que a educação é o caminho, uma educação antirracista, portanto não basta não ser racista, temos que ter uma postura antirracista.

Por fim, Letícia e Edmilson fizeram seus agradecimentos e se despediram encerrando o encontro.

9º TEMA:

**SOBRE SER MENINO, SER
MENINA [...] NA TRAMA SOCIAL:
DILEMAS, DESAFIOS E
PROPOSITURAS NA/DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**



Palestrante:

Fábio Pinto

Gonçalves dos Reis



Mediadora:

Katia Batista Martins

Transmitido em
24 de novembro de 2021 - 19h



Núcleo de Educação da Infância



Projeto de Extensão - Proec/Nedi/Ufla



UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS



<https://www.youtube.com/watch?v=WKEYOPbmALM>

9º RELATO

Sobre ser menino, ser menina [...] Na trama social: dilemas, desafios e proposituras na/da Educação Infantil.

No dia 24 de novembro de 2021, foi realizado o nono encontro virtual do projeto de extensão “Escola de Famílias: saberes escolares e práticas familiares, uma relação possível”, mediado pela professora Kátia Batista Martins e tendo como palestrante o professor Fábio Pinto Gonçalves dos Reis. A temática discutida no encontro foi “ Sobre ser menino, ser menina [...] Na trama social: dilemas, desafios e proposituras na/da Educação Infantil”.

O professor Fábio Pinto Gonçalves dos Reis é graduado em Educação Física pela Universidade de Taubaté (1996), possui mestrado em Educação pela Universidade São Francisco-USF (2005) e doutorado pela Universidade de São Paulo-USP (2010). Atualmente é Professor Associado I da Universidade Federal de Lavras - UFLA, no Departamento de Educação Física, bem como no Programa de Pós-Graduação Scritto Sensu do Departamento de Educação. Integra o Grupo de Pesquisa " Relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente" e o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação Docente em Educação Física (GEFORDEF), ambos registrados no Cnpq.

A professora Kátia Batista Martins é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA/ Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. Especialista em Supervisão Educacional pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz - Facibra e mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras – UFLA. Integra o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Infâncias e Educação Infantil (NEPI). Possui experiência como docente na Educação Infantil, no Ensino Técnico e no Ensino Superior. Pesquisa temas relacionados à Metodologia do ensino de arte; Sociologia e Formação Docente; Sociologia da Infância; Currículo; Avaliação Educacional; Estágio na Educação Infantil; Práticas da Educação Infantil e Didática.

Este encontro é o último do Projeto “Escola de Famílias: saberes escolares e práticas familiares, uma relação possível”, tendo como parceria o projeto de extensão BrincArte também vinculado ao Nedi. A mediadora, professora Kátia, apresentou o professor palestrante, de uma forma comovente e desejou a todos um ótimo encontro.

Dando início à sua fala, o professor Fábio propôs um desafio, que foi o de escutar as crianças. Nós, adultos, estamos sempre falando por elas, dessa forma, poderíamos perguntar-lhes sobre essas questões também. Sobre o que é ser menina e ser menino na sociedade. Ele reitera a importância do tema e pontua o que é a sociedade e como ela normatiza e articula vários meios de “enquadrar” o que é menino/homem e o que menina/mulher e quem estiver fora desses padrões são julgados, discriminados e estigmatizados.

Para desenvolver sua fala, Fábio utilizou uma pergunta norteadora: “Quais são os diferentes aspectos que constituem o ‘ser criança’ na trama social?”. Suas observações têm aporte teórico-metodológico pós-estruturalista, em especial, Michel Foucault e outros autores que escreveram nessa perspectiva também. Para entender essa constituição de ser homem e ser mulher na sociedade, devemos considerar a existência de três pontos: marcadores sociais, processos de subjetivação (me torna o que sou ou nega o que sou) e relações de identidade/diferença (que produzem efeitos nas crianças).

Esses marcadores sociais são: raça; gênero; geração; etnia; classe social; religiosidade; sexualidades. Nascem aí, também, os padrões bem vistos na sociedade (branco, hétero, classe média, católico), não havendo uma condição igualitária na sociedade.

A partir dessas considerações, Fábio pontuou que não há infância e criança, mas, sim, infâncias e crianças, pois as categorias implicam modos de viver diferentes. Deste modo, devemos nos questionar como olhar essas várias infâncias e compreender esses diferentes sujeitos. Para isso, ele aprofundou a discussão, enfatizando o marcador social “Gênero, dialogando com a dimensão corporal das sexualidades, para entendermos o que é ‘ser’ menina e ‘ser’ menino na trama social.

Entende-se que gênero é produzido nas relações sociais (desiguais) baseadas nas diferenças sexuais (macho e fêmea). E isso se materializa no ato de colocar uma roupa, escolher uma cor, um acessório, um corte de

cabelo, na forma de andar e na estética corporal, são alguns exemplos. Consequentemente, há problemas enormes nessa segregação de gênero, principalmente para as mulheres. Não há como negar a desigualdade de gênero no trabalho, no ambiente familiar, no esporte e assim por diante. Não podemos fechar os olhos para essas questões, como: objetificação do corpo da mulher, cultura do estupro, feminicídio, machismo e o sexismo. Nesse sentido, podemos ver que há supostamente coisas de meninas e coisas de meninos, que meninas gostam de bonecas e meninos de futebol. Contudo estamos avançando com fluidez nessas questões de identidade, e o mundo pós-moderno nos mostra o derramamento desses preconceitos.

Adiante, Fábio trouxe outro ponto: o processo de subjetivação por meio de uma questão: “Quais os processos de subjetivação que atuam na ‘fabricação’ de meninas e meninos?”. As experiências, os discursos, as interações, os artefatos culturais (brinquedos), as instituições, os conhecimentos científicos, os códigos e dispositivos vão moldando essas crianças. E esses processos de subjetivação podem ser “normatizadores” e “singulares”.

Sobre o ponto de identidade/diferença, Fábio explica que tomamos aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Ou seja, aquilo que não sou se torna errado, estranho, loucura, anormalidade, deficiência, entre outros. Assim, a sociedade espera certos comportamentos de meninas e meninos e, se houver desvios, são taxados como “diferentes” e “anormais”. E isso está tão enraizado e engessado que perpetua, em todos os espaços, como nas escolas pelos professores que endossam esses discursos normalizadores. Deve ser repensado, dado que as unidades escolares têm um papel fundamental de transformação dessas questões.

Ao final, Fábio considerou alguns pontos para trabalhar da melhor forma possível sobre as questões de gênero: romper com a política do silêncio; sensibilidade para olhar, escutar e respeitar as crianças; intencionalidade nas práticas curriculares; problematização dos aparatos culturais que circulam; considerar a constituição de meninos e meninas no plural, bem como outras formas de ser criança no mundo.

Ao final, algumas questões foram respondidas pelo professor, feitas pela mediadora, de acordo com as perguntas sinalizadas pelos participantes no chat.

Professor, fale-nos sobre a famosa fala de Simone Beauvoir, em que a autora afirma que “não se nasce mulher e, sim, torna-se mulher”.

R: Nascemos com genitálias feminina ou masculina, porém nos constituímos como mulheres e homens na construção social.

1.É possível abordar todas essas questões numa turma de Educação Infantil sem causar problemas? Muitas vezes os professores têm medo, sobretudo, na atual conjuntura.

2.Professor, na sua visão, quais são os desafios que ainda se apresentam, ao problematizar as questões de gênero na escola, especificamente na Educação infantil?

R: São vários os desafios e é impossível “despolemizar” algo que é visto como polêmico na sociedade, porém devemos ter o compromisso de trabalhar essas questões nas escolas, cumprindo com os direitos das crianças. E as polêmicas incitam discussões e podemos ver as diferenças.

Encerrando o encontro, o professor Fábio e a professora Kátia fizeram seus agradecimentos.

Referências

BESSA, B. "A força do professor". Disponível em: <<https://cafecompoemas.com/a-forca-do-professor-braulio-bessa/>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em:<Disponível em: [http:// http://basenacionalcomum.mec.gov.br/](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/) >. Acesso em: 20 jan. 2022.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução n. 5, de 17/12/2009, Brasília: MEC, 2009.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança : aleitamento materno e alimentação complementar. 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015. 184 p. : il. – (Cadernos de Atenção Básica ; n. 23)

FERREIRA, E. S. Infância e microações afirmativas em contextos significativos. Tese. Rio de Janeiro, 2019, 210 p.

FERREIRA, E. S.; VIEIRA, J. J. Infância e Microações Afirmativas em Contextos Significativos. Educação & Realidade [online]. 2021, v. 46, n. 3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-6236107778>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FERREIRO, E. Reflexões sobre Alfabetização. 26. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FOUCAULT, M. O Governo da infância. RESENDE, A. (Organizador). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015 (Coleção Estudos Foucaultianos)

FREIRE, P. Extensão ou comunicação?. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1983, 93 p.

_____. Pedagogia do oprimido. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/Professorasimtiano.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA / INEP. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MELO, G. N. de. Magistério do 1º Grau: da Competência Técnica ao Compromisso Político. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1987

NOVAES, M. E. Professora primária: mestra ou tia. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

PIZZA, E. Adolescência e racismo: uma breve reflexão. An. I Simp. Internacional do Adolescente May. 2005. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100022&script=sci_arttext

REIS, F. P. G. dos. O brinquedo como campo minado na produção das diferenças: gênero e sexualidades nas infâncias. In: VILLAÇA, T.; C. M.; RIBEIRO, P. (Org.). Investigação na formação e práticas docentes na educação em sexualidades: contributo para igualdade de gênero, saúde e sustentabilidade. 1 ed. Porto: Universidade do Minho, 2017, v. 1, p. 250-260.

_____. Corpos em ebulição na educação infantil: borbulhas de poder, vigilância e controle na expressão das sexualidades das crianças pequenas. In: RIBEIRO, M. R.; ALVARENGA. (Org.). Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias do sul de Minas Gerais. 1 ed. Lavras: UFLA, 2016, v. 1, p. 57-76.

SILVA, T. T. da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed., 9ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 156p.

TAVARES, M.R.; MENIN, M.S.S. (Coord.) Avaliando valores em escolares e seus professores: proposta de construção de uma escala. Textos FCC, São Paulo: FCC-DPE, v.46, out. p. 1-85, 2015.

VILAÇA, T. ROSSI, C. RIBEIRO, C. RIBEIRO, P. (Editoras) Investigação na formação e práticas docentes na educação em sexualidade: contributos para a Igualdade de Género, Saúde e Sustentabilidade. Universidade do Minho. Instituto de Educação. Centro de Investigação em Estudos da Criança. Braga, 2017.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P. (2013). A comunicação entre escolas e família por meio dos bilhetes ou notificações eletrônicas. FUENTES, M. C. P.; JURADO, M. M. M. (org) Variables Psicológicas y Educativas para la intervención em el ámbito escolar. Granada, Espanha: Editorial GEU, pp.425-430

VINHA, T. P., FEITOSA, J., MARINHO, C. I. S., NUNES, C., OLIVEIRA, C. y PACHECO, N. (2012). Olhares e expectativas de pais e professores sobre a criança difícil: o desenho das relações que a envolvem. (Trabalho de Conclusão), Universidade de Franca, Franca.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global strategy for infant and young child feeding. Geneva: WHO, 2003.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Indicators for assessing infant and young child feeding practices: conclusions of a consensus meeting held 6-8 November. Washington, DC: WHO, 2007.

